



Aventuras extraordinarias d'um policia secreto

O ladrão de mulheres



EDITOR E PROPRIETARIO, F. A. MIRANDA E SOUSA

COMPREIHA NA EMP. LUSITANA EDITORA

C. DO FERREGIAL, 23 PERTENCENTE AO EDITOR

PREÇO

60
REIS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
DA NOVELLA POPULAR

C. DO FERREGIAL, 23, LISBOA

Um romance completo por
OS BONS ROMANCES
Publicação mensal de grande formato

200
REIS

== CADA VOLUME CONTEME ==
== 14:00 LINHAS ==
== DE LEITURA EMPOLGANTE ==

Volumes publicados:

- O homem das multidões, de *Pierre Zaccaria*.
- O casamento d'um forçado, de *A. Rouvier*.
- A aposta maldita, por *Jules de Gastine*.
- Os Fúas d'Oiro, por *Paulo Fivas*.
- As filhas do povo, por *Alelei Bouver*.
- O filho dos bores, por *Ridley Haygar*.
- Divida fatal, por *Manoel Prigout*.
- O segredo da desconhecida, por *J. Gastine*.
- Fuisto, por *Raoul Vernaud*.

Estes romances, seleccionados com escrupulosa attenção, compoem uma verdadeira bibliotheca popular de educação.

200
REIS • um bom romance completo

Colleccção Artística

Publicação mensal e illustrada das mais sensacionais novidades litterarias estrangeiras

Volumes publicados

1. Arseneo Lupin, catano da alta roda, por *Marcelo Le-Monc* (Eg. 1, 2. O Homem Myerlison, *Guy de Tournon*).
2. O tunulo do reio, *Pierre Giffard*.
3. Arseneo Lupin contra Herlock Sholmes, *Maurice Leblanc*.
4. Um erio na Irova, *Gideon*.
5. O Prisioneiro de Marles, *G. Le Rouge*.
6. O Club dos Ladrões, *Henry A. Boring*.
7. A Agulha deca, (Novas aventuras de Arseneo Lupin) *M. Leblanc*.
8. O Homem sem rosto, *Paul d'Ivoi*.
9. A Virgem Vermelha, *Pierre Giffard*.
10. O Caualho do somno, *Paul d'Ivoi*.
11. Oual dos tresl grande romance policial, *A. O. Green*.
12. A Guerra dos vampiros, *G. Le Rouge*.
13. O Pirata do Torro, *Max Pemberton*.
14. As tres patunas, sensacional romance de aventuras, *Paul d'Ivoi*.
15. Roma, a mysteriosa por *Ch. Foley*.
16. Novas aventuras de Arseneo Lupin, por *M. Leblanc*.
17. Em Veria, por *Henri de Regnier*.
18. O Palacio submarino, por *Max Pemberton*.
19. Um crime tenebroso, por *J. Gaspard*.
20. A senhora mysteriosa, por *Forgues Roue*.
21. O Sonho, por *E. Zola*.
22. Os dos olhos d'ouro, por *P. d'Ivoi*.
23. Um gatinho de casaca, por *E. W. Hornung*.

Cada vol. in-4°, costado a materia de rs. 350
e o grosso vil. in-8°, de 300

A Novella HISTORICA

Publicação quinzenal de grande formato
Cada numero um episodio completo

60 R\$ A PUBLICAÇÃO MAIS BARATA DO PORTUGAL R\$ 60

**A mas notavel e sensacional
das novidades litterarias**

Edição esmerada, cuidadosamente impressa e composta em magnifico tipo
É um trabalho vassado em moldes inteiramente novos que formará a mais completa, a mais curiosa, a mais instructiva
HISTORIA DE PORTUGAL
Desde os tempos primitivos até a actualidade

Volumes publicados:

- 1 Viriato, o heroe lusu
- 2 Roma vs Lusitania
- 3 Os barbaros do Norte
- 4 A Invasão dos Arabes
- 5 Fundação de Portugal
- 6 O cerco de Guimarães
- 7 Egas Moniz
- 8 Conquista de Lisboa
- 9 Giraldo Sempavor
- 10 D. Fuas Roupenho (Migalga da Nazareth)
- 11 Tomada d'Alcacer
- 12 Rainha D. Mécia
- 13 O Bolonhez
- 14 1 rei trovador
- 15 Rainha Santa Isabel
- 16 A Banha do Salado
- 17 Inimigo de Castro
- 18 Vingança de Rei
- 19 A Rainha Adelaide
- 20 Maria Telles
- 21 Mestre d'Aviz
- 22 Pastora d'Ajubarrota
- 23 O Barbudo
- 24 O Magrico ou os Doze de Insular
- 25 Os Tristeiros. (Tomada de Ceuta)
- 26 Descobrimento da India
- 27 O Alfageme de Santarem
- 28 O monarca eloquente

A seguir:

- 29 A traidão d'Alfarcereira
- 30 Escola de Sagres
- 31 A Beiraneja
- 32 Conspiração dos nobres
- 33 Rei Fe. tuoso
- 34 Expulção d's Infeis

EMILIO GANTE

HISTORIA POPULAR DA PROSTITUIÇÃO

Desde os primitivos tempos até a actualidade

Alcham-se publicados os quatro volumes

I Obscuredas primitivas—A Prostituição na Antiga Grecia	300
Impudencias de Roma Primitiva—Devassidão dos Romanos.	300
III Desmoralisação Franca—Tempos modernos.	300
IV (e ultimo volume) Tempos modernos.	300

Numero 162

Lisboa, 25 de Julho de 1912

Anno IV

O LADRÃO DE MULHERES

CAPITULO I

O desaparecimento da missionaria

N'aquella noite quente de junho, a Bowery, a grande avenida de Nova York, cujos passeios são litterados por grandes restaurantes, theatros, music-halls e cafés-concertos, regorgitava de publico, que aproveitava o beneficio alacimamento de temperatura que se produzia depois d'um dia asphixiante, para passar tranquillamente.

Em frente dos theatros estacionavam numerosos grupos, augmentados nos intervalos das representações por espectadores que saiam, avidos de respirar um ar menos quente.

Em frente das portas do Bijou Theatre, uma das casas de espectaculo mais elegantes da Bowery, o ajuntamento era maior. No meio da multidão contava-se a miseria de todas as raças e nações.

Marinheiros francezes, das Messageries Maritimes, divertiam-se pronunciando pesadas graxolas, que não eram, felizmente, comprehendidas pelos circunstantes.

Italianos miseraveis, slovenos e judeus russos alham inveiosamente para o interior do elegante foyer, no que eram imitados por alguns chinezes que admiravam em silencio o luxo que, a espasmo, podiam entrever.

Um ou outro espectador sahia de vez em quando até ao terraço, pouco mais elevado que o passeio, olhando com ar aborrecido a multidão.

De subito, abriram-se os batentes da porta central e surpiu, vinda do foyer, uma joven, que parecia querer vir respirar um pouco a ligeira brisa que soprava na Bowery.

O abundante e rebelde cabello, dominado por um penteado artistico era coberto por um grande chapéu de palha, muito elegante. Os olhos, tão negros como o cabello, tinham uma adoravel expressão de misgoice.

O seu corpo graciosissimo estava envolto n um vestido de seda, que deixava livre o pescoço e a nascenta do busto.

A joven encostou-se a um dos enormes candieiros de bronze que espalhavam a amarellela luz sobre a multidão. Parecia procurar alguém, pois o seu olhar percorria com insistencia os grupos de miseraveis

como se ella, a rica, pudesse ter alguma coisa de comum com aquelles desgraçados.

Pareceu procurar em vão, pois fez um gesto de desanimo e voltou-se, fazendo menção de penetrar novamente no theatro.

Da multidão destacou-se então um rapazito chinês que, com uma força inesperada em pessoa de tão pequena apparencia, afastava energicamente os que lhe impediam o caminho.

Um marinheiro que um empuxo do rapaz fizera cambalar, levantou o braço com gesto ameaçador, mas o agilo pequeno escapou a tempo e correndo para o terraço, gritou com a sua vizinha aguda:

— Menina Elsie! Menina Elsie!

A joven, que attingia quasi a entrada do foyer, voltou-se ao ouvir o som d'aquella voz e reconhecua novamente para o terraço.

Com a agiliçade propria da sua raça o chinês saltou para o terraço, e, com grande espanto dos circumstantes, approximou-se da joven, pegando-lhe na mão e beijando-lha.

Como se tivesse esperado a vinda d'um mensageiro, a bella rapariga curvou-se ligeiramente para o pequeno, perguntando em voz baixa, mas de fôrma que os circumstantes pudessem ouvir a:

— Então, Li, como está Wang? Está melhor, ou rou-se?

O pequeno abanou tristemente a cabeça e retorquiu, em inglez bastante incorrecto:

— Não, menina Elsie, Wang muito mal, Wang muito doente, Wang precisa ver menina Elsie.

— Como? Interrogou a joven. Wang quer vêr-me?

O pequeno, contente por vêr que tinha sido comprehendido, acenou fortemente com a cabeça.

N'esse momento, um rapaz vestido com a elegancia typica dos americanos das melhores classes da sociedade, saiu do theatro e avançou para Elsie.

— Então, Elsie, que fazes aqui fora? Estamos á tua espera lá dentro e tu demoras-te a fallar com esse vagabundo.

— Roberto, peço-te! Não podes servir-te d'outra classificação menos offensiva? Este pequeno é Li, que habita em casa de Wang e eu pedi-lhe que visse dar-me noticias do estado do meu protegido.

— E como vas esse senhor Wang, que tu consegues arrancar á heretico doutrina do seu Confucio, convertendo-o ao christianismo?

— A occasião é mal escolhida para dares largas ás tuas ironias, replicou a joven, pois, segundo parece, Wang está muito doente e, com certeza, a sua vida corre perigo, porque me pede que vá vê-lo.

— E tu queres ir? Inquiriu Roberto, não occultando o mau humor que esta perspectiva lhe provocava. Ainda lá estiveste antes do começo do espectáculo.

Se, quando fôrmos casados, me tratares com metade do cuidado que dedicas ao teu procelito amarello, creio que o sei o marido mais bem tratado dos Estados Unidos.

Elsie pareceu não dar importancia ás palavras do novo.

— Quero ir vêr se elle está realmente em perigo, declarou.

— O quê? Queres, effectivamente, ir ao bairro chinês durante o espectáculo? perguntou Roberto espantado.

— Quer! retorquiu Elsie, sorrindo.

— Bem, então espera; vou buscar o meu chapéo, para te acompanhar, disse Roberto, fazendo menção de se dirigir ao foyer.

— Deixa, é inutil, explicou Elsie. Metto-me n'um trem e estou de volta dentro d'um quarto d'hora. O melhor é ficares junto de meus paes, no theatro.

— Ha de ser muito bonito, a filha do senador Saylor, só, a estas horas da noite, no infecto bairro chinês de Nova-York!

«O melhor é eu acompanhá-la».

— Não, já te disse, Roberto, exclamation Miss Saylor, é melhor que fiques junto de meus paes, que eu prometto estar de volta mais depressa do que suppões.

Li, acrescentando, voltando-se para o pequeno chinês, que assistia á discussão dos dois noivos sem perceber apparentemente uma só palavra—vas buscar um trem.

D'um salto, o rapazito, transpou a pequena grade do terraço e abriu caminho por entre a multidão.

A discussão dos noivos não terminára ainda, mas Elsie pareceu convencer pouco a pouco Roberto do nenhum perigo que representava a sua fadida visita ao bairro chinês, pois quando o trem chegou ao terraço, Roberto King acompanhou a noiva e ajudou-a a subir á carruagem.

Li saltou para a alfomada e o cocheiro fustigou o cavallo, dirigindo-se a Chinatown, o bairro chinês.

Roberto ficou olhando a carruagem durante algum tempo. Actual aquella mania não era peor que outra qualquer e a fúria subita de converter-se christiano no os filhos do Celeste Imperio, furia que atacara as damas da boa sociedade de Nova-York, era profervel e menos perigosa que as corridas d'automovel ou outro qualquer exaggero sportivo.

Do interior do theatro soou a campainha electrica, annunciando o começo do novo acto.

Os espectadores que se achavam no terraço, voltaram para o foyer, e entre elles, Roberto King. Apagaram-se as luzes das grandes candelieiras do terraço, que só estavam acesas nos intervalos e no final do espectáculo, e a multidão, que nada mais tinha

que vêr, foi se dissipando, disseminando-se entre os passeantes que percorriam a Bowery Avenue.

A representação proseguir; começou o segundo acto d'uma d'essas operetas americanas, sem pé nem cabeça, que não exigem do publico grandes esforços de intelligencia.

Numa das frizas, elegantemente decorada, viam-se o senador Saylor e a esposa.

O senador não dava attenção ao que se passava no palco, olhando constantemente para a porta da friza, por onde saíra sua filha Elsie.

Roberto King appareceu no corredor das frizas. Approximou-se e, ao notar o olhar do senador, exclamou:

— Elsie foi vizitar o seu protegido, o chinês Wang, que está muito doente.

O velho Saylor teve um gesto de desgosto:

— Ah chiniezes de minha filha já começam a desagradar-me; tudo isto é por tua culpa, Anna; exclamou, voltando-se para a esposa, tu ainda confirmas as ideias de Elsie.

— Não vejo que inconvenientes possa ter o procedimento d'ella, respondeu a esposa do senador. De resto, Roberto podia tê-la acompanhado; já ficávamos descançados.

— Quiz acompanhá-la, replicou o joven sorrindo, mas Elsie não o permitiu.

— Recusou energicamente a minha companhia.

— Easasmos, porém, de nos precupar, porque ella prometteu-me voltar o mais depressa possível. Deve chegar d'um momento para o outro.

O incidente pareceu terminado e a attenção dos tres occupantes da friza voltou-se para o que se estava passando na scena. Tão interessados estiveram que só quando o panno baixou, tres quartos d'hora depois é que se recordaram novamente da ausencia de Elsie.

A joven não voltara ainda.

Roberto deu mostras d'um terrivel desassossego e o velho Saylor teve varias exclamações furiosas.

— Se eu soubesse onde é a casa d'esse tal Wang, declarou Roberto, partiria sem demora.

— Talvez minha mulher saiba, exclamou Saylor, porque ella tambem é missionaria dos chiniezes.

— Sim, cohecho o endereço. Móra em Chinatown, East Point, Rua 43, na segunda casa do lado direito.

Se fôr buscare minha filha, traga a directamenta para casa, para os meus tocos, porque não estou para ficar aqui no theatro e meu marido fazer-me alguma scena.

Levantou-se, seguida pelos dois homens e saiu dirigindo-se ao automovel que a esperava, e para o qual subiu, acompanhada do marido; enquanto Roberto King chamava um trem e se fazia conduzir ao bairro chinês, em busca da noiva.

Institida pela gorgeta prometida, o cocheiro fez

deslizar rapidamente o cavallo até ao fim da avenida Bowery.

Chegando ali, voltou á esquerda e penetrou n'uma rua onde não havia illuminação. Era a entrada do bairro chinês.

Se bem que os olhos não conseguissem divisar nada d'esse bairro exótico, o effecto percebeu immediatamente o cheiro característico da cidade amarella; montes de estrume e lixo atapetavam o solo, exhalando um cheiro nauseabundo, que se misturava aos aromas era acores, ora doces, das comidas chinezas.

Só por um motivo imperioso um homem da raça branca se atreveria a penetrar n'aquelle labirinto de ruas e ruelas.

O coração de Roberto confrangeu-se, quando o joven pensou que a sua Elsie era levada, pelas necessidades da missão que se impuzera, a mover-se entre aquelles montes de lixo e no meio d'aquelles insupportáveis aromas e resolveu immediatamente empregar toda a sua influencia para orientar a inclinação philanthropica da sua noiva para outro lado.

A carruagem parou em frente da casa designada pela mãe de Elsie, Roberto apou-se rapidamente e deu ordem ao cocheiro para esperar o seu regresso.

Nem uma só janella estava illuminação, e a porta estava fechada.

Não havia campainha e, apesar da violencia com que Roberto, cada vez mais excitado, batia com pés e mãos contra a porta, ninguém respondeu.

A casa parecia deshabitada.

Do outro lado da rua ardia uma lanterna d'azeite n'uma taberna chineza. Roberto atravessou a rua e abriu a porta da espelunca, deparando-se alguns chiniezes que comiam silenciosamente.

Com a humidade de cã, que tanto desgraça e que todos os fillos do Celeste Imperio demonstram para os americanos, nos Estados Unidos, o taberneiro approximou-se e, no seu inglez estropeado, inquiriu dos desejos do inesperado visitante.

Roberto perguntou-lhe imperiosamente:

— E' aqui que habita Wang?

— Não, sr. Wang mora ali, na casa em frente, replicou humilmente o chinês.

— Bati durante muito tempo, mas ninguém veio abrir, explicou Roberto, com impaciencia.

— Ninguém poder abrir, esclareceu o chinês; ninguém está em casa, Wang foi embora.

— Como? e Roberto estremeceu, apavorado, Wang partiu? Mas elle estava doente?...

— Wang já não está doente, retorquiu o taberneiro.

Wang está curado e partiu ás 7 horas; foi embora muito longe, disse nunç mais volta.

Uma sensação indefinida de recesso apertou o cora-

ção de Roberto, sufocando-o quasi. Onde estaria Elsie?

—Não parou aqui uma carruagem conduzindo uma senhora, há uma hora? perguntou vivamente. Uma senhora branca, uma americana, uma lady, acrescentou.

—Nenhuma senhora em carruagem, replicou o chinês com firmeza. Yu-Long não viu senhora, não viu lady.

D'um salto, Roberto achou-se novamente na rua. Alguma coisa terrível se passara, decerto!

—Vamos à esquadra de policia mais proxima! gritou para o cocheiro.

Enquanto a carruagem rodava rapidamente, o afflicto noivo ia reflectindo, buscando uma explicação para o inexplicavel incidente.

Respirou, ao architectar a ultima possibilidade: talvez Elsie estivesse já em casa, sendo inteus todos os seus recios.

—Provavelmente, pensava, não encontror o seu protegio, por elle estar já curado e ter partido, e por isso dirigida-se directamente para casa dos paes.

Penetrou no proximo posto de policia secreta e, sem mais formalidades, entrou no gabinete do capitão, que o fitou surprehendido.

—Capitão, peço lhe, telephone immediatamente para casa do senador Sailer, perguntando se a filha d'elle já voltou para casa.

O chefe da policia, a quem o seu officio ensinara a não perder tempo com perguntas inúteis, pegou no auscultador e, poucos minutos depois, responderam-lhe que Elsie ainda não voltára para casa, e que a familia estava em grande affligão.

—Então commetteu-se um crime, exclamou Roberto, pallido de commoção.

Explicou rapidamente ao official da policia tudo que se passara.

—Tem a carruagem á espera? perguntou o capitão, e, ao receber resposta affirmativa, chamou dois dos seus agentes.

—Depressa, Sailer, exclamou, voltando se para um d'elles, arranjan lanternas electricas e uma gazia, porque temo novamente que fazer no bairro chinês. Acompanhando Roberto, o capitão e os dois agentes metteram-se no trem, que os conduziu á casa de Wang.

A luz da sua lanterna electrica, Milford abriu a porta e o grupo penetrou na estreita casa onde cada um dos tres andares constava d'um só compartimento. Á casa estava completamente vazia.

Alguns velhos moveis arrombados cobriam parte do sobrado, coberto por uma grossa crosta d'immundicia.

No pequeno pátio, cheio de lixo, nada havia além d'uma barrica com agua e, além das ratas que corriam

pela estreita escada, ninguém habitava a velha baracca.

O seu proprietario, o chinês Wang, ha pouco convertido ao christianismo, desaparecera sem deixar vestigia, e, com elle, Elsie Sailer, a filha do senador John Henry Sailer.

CAPITULO II

Será ella?

O luto fizera a sua entrada em casa do senador. Onde, poucos dias antes, soava o riso feliz da joven, nada mais havia agora além das lagrimas dos desolados paes.

Elsie, a filha unica, desaparecera sem deixar vestigios. Em parte nenhuma fora encontrado o mais leve signal da sua passagem e, com a mesma perplexidade com que a policia ficou perante este mysterio, assim ficara tambem perante o desaparecimento do chinês Wang.

Nos quatro dias que tinham passado desde o desaparecimento de Elsie, tinha se apoderado da familia Sailer um desanimo assustador, pois parecia indubitavel que Elsie estava irremediavelmente perdida. A propria policia tinha perdido a esperanza de a encontrar ainda com vida e a unica hypothese que admitiam era a de ser encontrado o cadaver da joven.

Na situação presente, seria mesmo esta a melhor solução, pois se Elsie estivesse viva, em poder dos demones amarelos, o seu destino seria tão desgraçado e tão horrivel, que a morte lhe era com vezes preferivel.

Roberto King era o unico que não se deixára vencer pelo desanimo.

—Elle, a quem a dor de ter perdido a noiva adorado não ferira menos cruelmente que aos paes, continuava incansavelmente nas suas pesquisas e era com desprazer e indignação que assistia aos inúteis esforços da policia, cujos elementos se mostravam incapazes de seguir a pista d'um crime um pouco mais complicado.

O capitão Tussor, que dirigia as investigações, de pois de algumas pesquisas inúteis aventara a hypothese de Elsie ser amante do chinês e de ter fugido de accordo com elle.

Com uma exclamação de revolta, Roberto lançara-se sobre o atrevido, para vingar com um soco a offensa feita á sua noiva. Os agentes interpuzêram-se, evitando o pugilato.

O procedimento da policia de Nova-York, nada con-

seguinto descobrir, levou Roberto King a pensar em proceder independentemente.

Depois d'alguia reflexão resolveu servir-se do auxilio do homem mais capaz que qualquer outro no mundo de descobrir o paradeiro de Elsie.

Mandou um enorme telegramma para esse homem, separado d'elle por um oceano, e recebeu n'essa mesma noite a resposta, na qual o celebre policia Sherlock Holmes o avisava que tinha embarcado n'essa tarde em Southampton, n'um grande vapor da Cunard Line, que devia chegar a Nova-York seis dias depois.

Depois de recebido esse telegramma, Roberto tinha socoado um pouco, mas nada dissera aos paes de Elsie, para não fazer nascer novas esperanças, pois uma desillusão representaria para elles um novo e maior desgosto.

Roberto guardou, por consequente, o seu segredo nada contando ás autoridades, pois desabecia a antipathia existente entre Sherlock Holmes e a policia official de todo o mundo; além d'isso, julgou mais conveniente nada revelar para que Sherlock Holmes pudesse preparar o seu plano sem constrangimento.

Os dias que decorreram enquanto o grande transatlantico atravessava o Oceano, pareceram a Roberto eternidades.

A todos os dias ao escriptorio da Companhia, para se informar acerca da posição do navio.

Foi informado, finalmente, de que o vapor fóra visto á estatura da Liberdade e que n'a manhã seguinte estaria ancorado no porto.

Roberto comprehendeu immediatamente que não conseguiria dormir, pois mesmo que a dor de ter perdido a noiva tal lhe permitisse, a excitação provocada pela chegada do grande policia, impediu-o de conciliar o somno.

Do escriptorio da Cunard Line dirigia-se a casa dos seus futuros sogros, na elegante Quinta avenida, Caryll, o velho mordomo, abriu-lhe a porta, dizendo-lhe:

—Sr. King, mandamos precurar o por toda a parte. O capitão Tussor está lá em cima; encontrou um vestigio da menina Elsie.

Com dois saltos, Roberto passou junto do velho e subiu a escada que conduzia ás salas de recepção dos Sailer.

Abriu a porta que dava para o salão.

A mulher do senador estava sentada n'uma coussin e chorava, apolando o rosto nas mãos. O senador estava de pé, pallido de morte, e ouvia as noticias que lhe dava o capitão da policia.

Tussor calou-se, ao vêr entrar Roberto.

—Encontror vestigios de Elsie? exclamou o noivo, tremendo de commoção.

—Descobrimos o seu corpo, retorquiu o capitão, e

os soluços da pobre mãe, que redobram com estas palavras, assim como o olhar triste do velho Sailer, fitando Roberto, dissimularam-lhe o dor.

Elsie morrera e as suas esperanças eram inúteis. A dor avassalou-o, e, cahindo sobre uma cadeira, deixou correr as lagrimas livremente.

A sua força de vontade, que até aqui o emparára, abandonava-o. Enquanto pudera ter esperanza, enquanto não existira a prova evidente da sua infelicidade, pôde elle confiar que a sua actividade o levaria á salvação da bem-amada. Agora, porém, em face da evidencia, em face da morte, toda a esperanza acabava!

Durante um momento, o silencio foi quasi completo, interrompido apenas por alguns soluços.

Roberto foi o primeiro a reagir e o sangue frio. A sua dor não diminuía, mas o desejo de vêr o cadaver da noiva galvanisou-o. Ao mesmo tempo, um desejo de vingança impulsionava-o.

Levantou-se e secou as lagrimas. Em seguida, dirigiu-se a Tussor, o qual esperava que diminuísse as manifestações de desgosto da familia para continuar a sua narração e perguntou-lhe:

—Onde está o corpo da minha noiva?

—Na esquadra da Ottawa avenida, replicou o official, acrescentando:

—Contrar-lhe-hei immediatamente como o cadaver ali foi parar. A historia não é propria para ouvidos femininos e talvez fosse preferivel que a esposa do sr. Sailer não estivesse presente.

Com um olhar, Roberto convideou Tussor a seguir-o, no que foi imitado pelo velho Sailer.

O capitão sentou-se num dos grandes bancos estofados da sala d'entrada e começou:

—Se bem que da busca dada á casa habitada pelo chinês Wang e que este algrara ao taberneiro defronte, Yu-Long, nada resultasse que nos puzesse na pista do crime, conservei a casa continuamente vigiada e puz lá dois dos meus homens aquartelados.

—Os dias tinham passado sem que alguma coisa succedesse que nos puzesse servir de ponto de referencia, até que hontem um carroeiro da Denwer Transport Company, que é o nome d'uma sociedade particular de expedições e transportes, cujo campo de acção é, muito especialmente, a Asia, batou á porta de Wang e declarou ao agente que foi abrir que tinha que entregar uma mala que vinha destinada a um sr. William Vantor.

—A mala, de grandes dimensões, estava sobre a carroça que parára á porta.

—William Vantor foi o nome que Wang adoptou, ao converter-se ao christianismo, e o agente preparou-se para receber a mala.

—Infelizmente, commetten a estupidez de respon-

der ao carroeiro, quando este lhe perguntou se era o proprio, William Vandy, que «nã», e o homem recusou-se a entregá-lhe a mala.

«O meu agente explicou-lhe que o destinatário desaparecera, mas que elle, pertencendo á policia, tinha o direito de receber o volume.

«O carroeiro não se convenceu.

«Declarou que a policia podia ir buscar a mala aos escriptorios da Companhia; elle, porém, é que não podia entregá-la ao proprio.

«Tornou, por conseguinte, a levar a mala. O agente deu instrucções ao collega, que ficou na casa, enquanto elle seguiu o carro até aos escriptorios da Denver Company.

«Aqui tambem lhe oppuzeram difficuldades, afirmando que nada tinham que ver com os negocios da policia criminal e que só entregariam a mala em virtude d'uma confiscação judicial em regra.

«O meu agente não soube que partido tomar e teve que ceder.

«Dirigi-me-me, expoz-me os factos e nós passámos toda a tarde e a noite d'hontem a cumprir as varias formalidades legais, de fórma que só esta manhã conseguimos obter a mala.

«Fizemos transportar immediatamente o volume para a esquadra da Ottava Avenida e preparámo-nos para a abrir.

«Quando levantámos a tampa, notámos logo o cheiro característico d'um cadáver em decomposição, o que logo me fez ter a suspeita que infelizmente, depois se confirmou.

«Atranzámos a lona que estava estendida sob a tampa e depoz-se nos o cadáver d'uma joven.

«O corpo estava horivelmente mutilado, e o rosto e as mãos achavam-se completamente carbonizadas. Segundo parecia, tinham tentado desembarçar-se do cadáver, queimando-o.

«Tinham surgido provavelmente, difficuldades de execução, de fórma que tinham resolvido enviar a para a casa de Wang, que é certamente um dos cúmplices e que, entretanto, se achava já em segurança, a caminho da sua patria.

«A mala foi despachada em Chicago, em grande velocidade; o cadavere da guia é feito com uma letra que não é de Wang. Foi escripto, muito provavelmente, por um dos seus cúmplices.

«Os vestidos da assassinada, assim como as suas valiseas e joias, tudo se encontrava no cadáver, estando os annos postos nos dedos carbonizados.

Tutor calou-se e Roberto perguntou com voz trémula:

—Podemos vêr o cadáver?

—Sim, senhor, replicou o capitão da policia; queria até pedir-lhes, senhores, para constatarem a iden-

tidade de miss Elsie Saylor, apesar de não nos restarem dvidas que é ella. No seu interesse, porém, peço que evitem que a mãe da victima assista a esse acto. É um espectáculo tão horrivel, tão pavoroso, que mesmo os nossos nervos embotados pelo nosso officio são difficilmente o supportam.

O velho Saylor fez um gesto affirmativo, mostrando a sua concordancia com o modo da ver do capitão Tussor. Voltou para o salão, onde a esposa o esperava e disse-lhe algumas palavras de consolação, enquanto Roberto e o capitão ficaram esperando.

O sensor voltou finalmente, e os tres homens saíram, subindo para o automovel que Saylor mandára promptar.

O percurso foi feito em silencio. Chegaram á esquadra da Ottava Avenida e dirigiram-se para a sala onde se achava d'positada a grande mala. Notaram logo o cheiro nauseante a cadáver, ao qual se misturava tambem o cheiro a carne queimada.

Sobre um pequeno estrado de madeira, perto da janella, estava a mala e, junto d'ella sobre uma tamiã tinham collocado o cadáver, cobrindo-o com um lençol.

—Coragem, meus senhores, avizou o capitão; preparem-se para um espectáculo horrivel.

Approximem-se então da tarima e erguem o lençol.

Os dois homens viram então o corpo d'uma joven mutilado a ponto de não poder ser reconhecida nenhuma feição.

A cabeça estava completamente queimada, de fórma que nem um só dos traços delucosimos do rosto de Elsie se podia reconhecer.

O cabello abundante fôrta queimado até ao couro cabellado e a esplendida dentadura era a unica coisa que attestava a passada belleza da morta.

As mãos carbonizadas tinham os aneis de brilhantes, sem brilho e negros do fumo, que Elsie recebera como presentes dos pais e do noivo.

A roupa de Elsie, manchada de sangue, fôrta-lhe lançada sobre o corpo pelas mãos dos assassinos e, sobre os pés viam-se, amarralhados, restos do vestido de seda que ella vestia na noite da ida ao theatro.

Soltando um grito de dor, Saylor cobria de joelhos junto do cadáver.

—Minha filha, minha pobre e desventurada filha! gritou, rompendo n'um choro afflictivo, e estremecendo-lhe o corpo em contracções.

Roberto approximára-se igualmente da tarima. A dor que lhe devorava o peito não era menor que a do velho, apesar do seu socego apparente; mas a esta dor juntava-se o desejo ardente de vingança que elle queria saciar no bandido que tornára o corpo gentil e fresco da sua amada, n'este montão de carne pestilenta.

Fitou o cadáver, como se procurasse um ponto onde apoiar, pela ultima vez, os labios. O olhar fitou-se-lhe nas mãos da morta, que tantas vezes apertára com requintes de paixão.

Mas... que via? Ao reparar n'um anel de ouro com um bello diamante, reconheceu a joia com que presenteara a noiva poucos dias antes do seu desaparecimento.

Elle proprio tinha introduzido o anel no dedo minimo da mão esquerda, por ser muito estreito para qualquer dos outros dedos. Lembrava-se, até, que só a muito custo o anel conseguira fícar no dedo.

Serrindo, Elsie agradecera-lhe o esforço e o presente, quando viu finalmente o esplendido diamante a brilhar-lhe no dedo. E, ao apresentar-lhe a fronte para que a beijasse constantemente, promettera nunca mais deixar de usar aquelle anel.

Agora, porém, o anel estava no dedo da mão direita do cadáver! Como podia isto ser?

Roberto curvou-se sobre a morta, para lhe examinar as mãos, cuja fôrma lhe parecia cada vez mais extranha. E o que viu encheu-o de surpresa, dando-lhe simultaneamente novas esperanças, se bem que muito tenues ainda.

Reconheceu que aquelles dedos magros, ossudos e compridos de fôrma nenhuma podiam pertencer á mão elegante da sua noiva.

«Olhos com mais attenção e constatos que os annos de Elsie, que tinham sido collocados nos dedos da morta, estavam largos.

Cuidadosamente, soerguen os restos das roupas brancas, de «batiste», que cobriam os braços do cadáver e, ao ver o pulso grosseiro e deslegante da morta, adquiria á absoluta convicção do que a suspeitava: aquelle não era o corpo de Elsie Saylor.

Tinham adormecido esse cadáver estranho com as joias, a roupa branca e o vestido da joven desaparecida.

Por conseguinte, queriam fazel-a passar por morta, tendo-a provavelmente prisioneira em qualquer parte.

Era esta a esperanza que o animava.

No primeiro impeto da alegria que o invadia, Roberto quiz voltar-se para o velho Saylor, que avassalado pela dor, estava ajoelhado junto do cadáver. Mas, instintivamente, conteve-se.

Lembrou-se que era melhor manter os criminosos em segurança, fazendo-lhes supprer que a sua mystificação fôrta coroada de exito.

Talvez este facto os tornasse menos prudentes, facilitando as pesquisas a que Sherlock Holmes ia proceder.

De resto, Roberto King decidiu deixar ao grande

policia a resolução sobre se a sua descoberta devia ou não ser communicada á familia e á policia.

O vapor da Cunard, no qual se encontrava Holmes, achava-se já proximo da estatu da Liberdade, e na manhã seguinte estaria em Hoboken.

Roberto tinha ainda essa noite ao seu encontro e fallar-lhe-lia.

O grande policia decidiria então o que havia a fazer da sua descoberta.

Tussor, que assistira em silencio á scena de lagrimas, que julgou um pouco acalmada a dor dos dois homens, interrompeu esse silencio, dizendo:

—Que destino vamos dar ao cadáver?

Fez esta pergunta, voltando-se para Roberto, que lhe parecia mais calmo.

O noivo não respondeu e olhou para o velho Saylor, que se ergueu, dizendo em voz trémula:

—Devemos fazer encontrar o corpo n'um caixão; não quero que minha mulher assista a este horrivel espectáculo.

Roberto fez um gesto d'auscencia e acompanhou o velho, amparando-o, até ao automovel que o esperava.

Conduziu-o a casa e, sem entrar no palacio da Quinta Avenida, dirigiu-se á toda a velocidade a Kings Hall, á sua propriedade de Hoboken.

Junto do caes estava ancorado o seu yacht de recreio.

CAPITULO III

A chegada de Sherlock Holmes

Junto do pequeno caes particular que servia de ponto de partida a Roberto para as suas viagens de recreio, alongava-se levemente o «Alice».

O casco elegante e muito estreito mostrava, mesmo a um leigo, que a embarcação fôrta construida apenas para navegar perto das costas, pois seria temeridade arriscar-se a ir para o mar largo em tal casco de noz.

A tripulação do yacht, que se compunha de dois homens, o machista e o mestre, tambem não pensava em tal aventura.

Tinham aproveitado a quietação absoluta a que o yacht fôrta condemnado após o mysterioso desaparecimento da noiva do seu possuidor, para se dedicarem ao repouso, em suas casar.

As amóricas dirigiam-se ambos a bordo do «Alice» e, encostado á amurada, com o cachimbo na bô-

cu, conversavam pesadamente sobre os assumptos de mais interesse na região.

Tinhão acabado de chegar a bordo. O mestre, Tompson, tinha colocado no convés uma cadeira de lona e olhava para a corrente do braço norte do Hudson, junto à margem do lado de Manhattan, onde começavam a surgir as luzes da monstruosa cidade. O silêncio, que nunca é completo no rio, era confuso, a esta hora, menos interrompido que durante o dia. Ouvia-se menos o ruído das correntes das anoras do que durante o dia e o silvo das serenas dos vapores também não era tão frequente.

Os dois homens fumavam em silencio, quando a sua atenção foi despertada pelo som d'um motor, vindo em breve aparecer um automóvel que penetrou no recinto do cais.

Tompson ergueu-se imediatamente, para se dirigir ao inesperado visitante, mas antes que elle pudesse chegar ao portão já Roberto King se aproximara a passos largos.

Os dois marinheiros tiraram os bonnets, mas King pareceu não notar o cumprimento, pois saltou para a escada e subiu os degraus rapidamente.

— Ponha o motor a trabalhar, ordenou Roberto para o machinista do esplendido e modernissimo yacht a gasolina. Tem bastante essência a bordo?

— Temos de le longe? inquiriu o homem.

— Até à Liberty Island e volta, replicou Roberto King.

— Ha de custar a chegar, declarou o machinista. Roberto teve um gesto energico, que destruiu de ante-mão todos os argumentos que quizessem oppôr ao seu desejo.

— Bem, então pararemos em Castle Garden na volta; até lá sempre ha de chegar, ordenou. Em seguida, para diminuir a demora, foi elle proprio desamarar as cordas que prendiam a embarcação à muralha, enquanto Tompson, que reconheceu que o amo vinha apressado, fazia manobrar o cabrestante e içava a ancora.

Ouviu-se o resfolegar do motor e, poucos segundos depois da chegada do automóvel, já o «Alice» navegava graciosamente pelo Hudson, em direcção à bahia.

Roberto pegára na roda do leme e Tompson começara a acender as luzes, porque escurecera já por completo.

Quando o mestre voltou para o lado do patrão, este passou-lhe o logar junto da roda do leme e disse-lhe:

— Tompson, o vapor da Cunard está ao pé de Liberty-Island e só amanhã de manhã é que vem ancorar cá em cima. A bordo está um grande amigo meu, que tem absoluta necessidade de estar em Nova

York nesta noite. Diga a Fields que faça andar o motor o melhor possível.

Tompson falou para a casa do motor pelo tubo e voltou-se para o amo:

— São apenas uns dez kilometros, sr. King. Devemos estar lá d'aqui a uma hora. Nem mesmo podemos demorar-nos muito mais, porque começa então a vazante e custar-nos-ha depois muito tempo a voltar.

— Naveguemos o mais depressa possível. Na volta podemos poupar meio caminho, saltando em Castle-Garden. E' até melhor para mim, porque chegarei mais cedo com o meu amigo ao centro da cidade.

Roberto afastou-se em seguida do leme, e foi para a coberta.

Por-se a olhar para o sul, na direcção em que navegava o «Alice», como se visse, por entre tantas dezenas de luzes, o ponto onde se dirigia. Só um pensamento o dominava: a probabilidade da sua Elsie não estar morta.

Tinha a sensação de que, ao encontrar-se com Sherlock Holmes, que o esperava a bordo do vapor da Cunard, iria ver traçado o caminho para a salvação da sua noiva.

O «Alice» navegava com a maior velocidade de que o seu motor era capaz.

A Roberto, porém, parecia o andamento d'um caracol.

O barco passára em frente de Jersey-City e penetrara na bahia.

Escurecera completamente e a embarcação acabara de passar proximo de Ellis-Island, vendo-se as luzes do forte Gibson.

A impaciencia de Roberto augmentava tanto mais quanto mais se aproximava do fim da sua nocturna excursão.

Passaram finalmente o forte Gibson.

Através da escuridão da noite viam-se os raios da luz emitida pelo farol da estatua da Liberdade.

Roberto não pôde reprimir um certo receio ao ver que se accentuava o movimento das ondas. Pequenas vagas, coroadas de espuma, quebravam-se contra a proa do «Alice» e Roberto combacia aquellas percursoras da tempestade; se bem que a época do anno assim como a região excolissem a ideia d'um grande temporal, o «Alice» era pequeno e facilmente succederia, se o mar augmentasse, não poder a embarcação mover-se com a facilidade e rapidez que era para desear.

Roberto saiu da proa e dirigiu-se a Tompson, a quem deu parte dos seus receios. Este teve um gesto de inquietação e acrescentou:

— Temos de estar de volta antes de começar a vazante, dá por onde dêr, sr. King, senão seremos ar-

rastados para Liberty-Island ou Castle-Williams e teremos de esperar ali o começo da enchente.

— Isso é que temos de evitar a todo o custo, replicou Roberto com energia, dando ordem pelo tubo austico para que o mechanico fizesse o motor o mais que pudesse.

— Já não pôde ser mais, retorquiu o homem.

Roberto olhou para deante, para medir a distancia que o separava ainda do ponto do destino e teve a alegria de notar que passára já a ponta norte da ilha, achando-se a pouco mais de 100 metros do «Queen Elizabeth», o grande vapor da Cunard.

A bordo do enorme paquete, que semelha um hotel gigantesco, com as suas milhares de luzes, havia ainda muita animação.

Depois d'uma travessia d'alguns dias, os passageiros, vendo-se tão perto do final da viagem, não ziam facilmente do convés.

A escada de bombordo estava arriada, talvez porque alguns passageiros tinham ido à ilha e eram ainda esperados.

Esta circumstancia foi muito favoravel para Roberto, pois pôde aproveitá-la para encostar o «Alice» a bombordo do «Queen Elizabeth».

Com ansiosa rapidez, subiu a escada do vapor. Chegado ao convés, logo um official se lhe dirigiu, mas antes que elle pudesse pronunciar uma palavra, Roberto começou:

— Desculpe-me, que eu bem sei que o meu procedimento é contra os regulamentos, mas acredite que só uma necessidade urgentissima e a probabilidade de evitar assim um grande perigo, me fizeram atravessar a bahia d'um pequenoinho hiate a gasolina, a estas horas e com a condulação que vê.

«Entre os seus passageiros vem um sr. Kuypere; fora este o seu pseudonimo que Sherlock Holmes lhe communicara telegraphicamente; esse passageiro embarcou em Southampton no «Queen Elizabeth» e necessario fallar-lhe immediatamente.

A maneira resoluta como Roberto pronunciara estas palavras, pareceu convencer o official, assim como a expressão de tristeza e commoção que se lia no rosto do recém-chegado pareceu ter provocado a sua compaixão.

— Faga favor, venha commigo, que eu vou conduzi-lo a junto de sr. Kuypere.

Precedendo Roberto, dirigiu-se para a escada da camara e, atravessando algumas salas, chegou ao salão de fumar.

Fuz signal a Roberto para esperar um pouco e voltou-se para um passageiro que estava ao lado, sentado a um canto, entretido a fumar e a ler um montão de jornaes.

— Dá-me licença, sr. Kuypere?

A pessoa a quem o official se dirigira fitou-o com uns olhos cinzentos precavtores.

— Que ha?

— Um gentleman de Nova-York acaba de encostar a sua embarcação no nosso vapor e subiu a bordo, communicando-me que deveria fallar-lhe immediatamente a um assumpto muito importante. Fallou-me com tal insistencia que, apesar do regulamento, não quiz recusar-lhe o que pedia.

— Fex muito bem, replicou o supposto Kuypere. Esse gentleman não pôde deixar de ser o sr. Roberto King.

O passageiro levantou-se, assiu de entre a montanha de jornaes que o circumdava e olhou para a entrada do salão de fumar, onde Roberto esperava com impaciencia.

— O senhor Roberto King? perguntou.

— Sim, sr. Kuypere. Sinto-me feliz por velo, finalmente; tenho que fallar-lhe immediatamente.

O official afastara-se discretamente e os dois homens acharam-se só no salão de fumar. Kuypere, os como pod-remos chamar-lhe agora, Sherlock Holmes, conduziu Roberto para um sofá a um canto e pediu-lhe que fallasse.

Roberto King fitou o homem a quem a lenda dava sempre a victoria, o homem que era como um heroe, collocado muito acima da sciencia de todos os policias do universo.

Via a energia estampada no rosto másculo do inglez e viu tambem a hostilidade e a intelligencia a brillarem n'aquelles olhos pardos.

Subitamente, sentiu-se atraído para elle e não pôde resistir ao desejo de entregar oagmente o seu destino nas mãos d'aquelle homem.

A risiboa esperança que antes o animava, tornou-se-lhe rapidamente n'uma certeza inabalavel. Se Elsie Sailor estava viva, o que elle desejava com toda a força do seu coração, este homem, e só elle, seria capaz de tornar a dar-lhe.

A impressão que Roberto sentiu ao ver o celebre policia inglez foi tão poderosa, que quasi se esquecia de contar o motivo da sua vinda, se o proprio Sherlock Holmes não se referisse ao assumpto:

— Devem realmente ser muito graves os motivos que o levaram a vir ter commigo a bordo ainda esta noite, quando o senhor devia suppor que me veria amanhã de manhã em Nova-York. Dou-se algum facto inesperado no caso do desaparecimento da sua noiva no bairro chinês, de fórmas que o senhor julgou não dever esperar a minha chegada? Não quer contar-me como se tem seguido os factos?

— O senhor tem de vir já commigo para Nova-York, exclamou King irreprimivelmente, levantando

os braços, como se quizesse impedir d'ante-mão qualquer resistência ao seu desejo.

—Mas porque? inquiriu Sherlock Holmes.

Roberto King começou então a sua narração. Contou como a notícia dada por Tussor, de ter sido encontrado o cadáver de Elsie dentro de uma mala, enviada para casa de Wang, destruíra d'um golpe todas as esperanças que a sua alma alimentava com a chegada do grande criminalista.

Descobreu a dor indizível dos infelizes pais e a terrível ida á esquadra.

Fallou do espectáculo horrível que apresentava o cadáver mutilado, que tinha as joias e o vestido da desaparecida. Contou, finalmente, ao celebre polícia, que o ouvia atentamente, como fôra descobrindo pouco a pouco que o corpo não era o de sua noiva, mas outro que fôra enviado propositalmente, com o fim de provocar um engano.

Sherlock Holmes esperava ansiosamente o fim da narrativa e apenas King pronunciára a ultima palavra, o grande polícia perguntou:

—Declarou alguma coisa á policia acerca das suas observações?

—Não, replicou King, nem á policia nem a mais ninguém.

«O proprio pai de minha noiva, o ancador Sailor, ficou convencido que estava vendo os restos da filha e, n'esse convencimento, mandou até encerrar no caixão o corpo que julgou ser o da filha querida.

—Procedeu muito bem, declarou Sherlock Holmes satisfeito, estendendo a mão a Roberto, como se lhe quizesse manifestar assim o seu reconhecimento. Não imagina como me satisfaz saber o sangue-frio que o senhor soube conservar n'uma occasião tão critica; isso demonstra-me que terei no senhor um auxiliar proveitoso, sr. King.

«Tenho, como o senhor, a convicção que miss Elsie Sailor está viva. E' muito provavel que esteja prisioneira em qualquer parte e que os bandidos que d'elle se apoderaram tenham arranjado um cadáver, que desgostaram completamente, para fazer suppor que fôsse o d'elle.

«E' para nós de muito valor o facto de os criminosos pensarem que o seu estatueto de cera remittido, e se tanto a policia como os pais da joven acceitarem o cadáver como sendo d'elle, conseguiremos que os bandidos assim pensem.

«Não pôde dar-me o quaisquer informações acerca d'esse tal Wang, o chinês que se converteu ao christianismo?

—Não, infelizmente, ou pouco saberei dizer-lhe, replicou Roberto King. A occupação de minha noiva, como missionaria junto dos chinezes, nunca me foi sympathica, pois vi sempre n'isso uma desgraça sim-

ples, que a poria em contacto com elementos que eu não acho proprios para uma senhora da primeira sociedade. Minha noiva conhecia a minha aversão e, em virtude d'isso, fallava commigo sobre esse assumpto e meus possivel. Sei alguma coisa acerca de Wang, apesar de nunca o ter visto, por minha noiva e por sua mãe, que m'o descreviam como sendo lhes dedicado como um cão. Creio, porém, que não devemos fiar-nos muito na apreciação de chinês feita por ellas, que tinham uma natural validade pelo successo de terem feito um proselyto.

—Creio que supple, retorquiu Holmes, que Wang, ou William Vanor, como elle agora se chamava, tomou parte no rapto da sua noiva.

—Duvida que assim fosse? perguntou Roberto surprehendido.

—Sim e não, declarou o policia prudentemente. E' claro que, por encanto, nada posso affirmar com certeza.

«Mas ha ainda muitas outras possibilidades e parece-me que não será grande tolice supor que o chinês tenha sido tambem victima em vez de algoz. Depois indagaremos o que ha a este respeito. Vou segul-o immediatamente para Nova York, mas preciso obter a autorização do capitão para desembarcar já, sem esperar pelas formalidades de alfandega imanhã.

—E o capitão das lhas ha hũa? interrogou Roberto receosamente.

—Espero que sim, affirmou o policia com certeza. Em ultima hypothese, declaro ao capitão quem sou, o que não me agrada fazer, e era preciso que elle não fosse inglex para não me dar logo todas as facilidades, tratando-se, d'um crime e pertencendo eu á justiça. Espere-me um pouco, que eu volto immediatamente.

Holmes saiu, deixando Roberto impaciente. Poucos minutos depois, reapareceu, acompanhado pelo capitão do «Queen Elizabeth», que se dirigia a Roberto com uma expressão de sympathia, apertando-lhe a mão.

—Lamento o que lhe succede, sr. King, mas alegro-me por estar na minha mão diminuir ao sr. Kuyper, ou melhor, exclamou sorrindo, ao sr. Holmes, a demora que poderia prejudicar o successo das suas esforços.

—Sigam-me, meus senhores.

O capitão procedeu-o e dirigiu-se ao portão; um marinheiro desceu n'esse momento a escada, levando duas grandes malas, pertencentes ao policia, para o «Alice».

Os dois homens despediram-se do sympathico commandante, dando-lhe um vigoroso aperto de mão.

Tompson, que esperava impaciente o signal da partida; com recio da vazarate, deu ordem ao mechanico para pôr o motor em movimento. O «Alice»

voltou a prôa para noroeste e dirigiu-se a toda a velocidade para a bahia.

A agitação da agua augmentára bastante e por vezes as ondas cobriam o convex do pequeno hiate.

Tompson olhava as luzes distantes de Nova York, franzindo a testa.

—Ha-de ser difficil, sr. King. O senhor demorou-se muito tempo a bordo do vapor. D'aqui a meia hora começa a vazarate e até Castle-Garden são perto de cinco kilometros. O motor não consegue vencer a distancia n'esse tempo com o mar tão agitado.

Sherlock Holmes metteo-se na conversa.

—Aprê mais para leste, explicou; eu conheço a bahia. Quando estivermos abrigados por Governors Island já a vazarate não pôde prejudicar-nos e poderemos então atingir facilmente o caes de Southstreet.

—Effectivamente, talvez d' resultado, retorquiu Thompson, fitando surprehendido e reconvinado, que demonstrava conhecer a bahia de Nova-York como se a tivesse percorrido durante annos como piloto.

O pequeno hiate mudou o ramo, seguindo o conselho de Holmes, e meia hora depois tinha attingido o pharol de Castle-Williams, ao norte de Governors Island.

Aqui, ao abrigo da ilha, o «Alice» estava livre do contratempo da vazarate, porque n'este ponto, existia uma corrente que se dirigia ao East-River e que o hiate podia aproveitar para facilitar o trabalho do motor.

Passava já da meia noite, quando o «Alice» encostou ao caes de South-street.

King chamou Fields, o mechanico.

—Fields, traga-nos as malas até á carruagem mais proxima e volte para e hiate, ficando aqui com Thompson até que, amanhã de manhã, possam, seguir com o «Alice» para Kingd Hall.

O mechanico pegou na bagagem do patrão e deu cumprimento ás ordens que recebia. Em Hannover Square encontraram um automovel para o qual subiram Sherlock Holmes e Roberto King e que em poucos minutos o conduziu a casa do ultimo, em Central-park.

CAPITULO IV

A' caça

Passára uma hora e as elegantes avonidas que rodeiam o Central-park, o local onde vivem os mais poderosos millionarios do mundo estavam imersas em profundo silencio.

Bastante afastados uns dos outros, passavam len-

tamente os policiaes, que pouco trabalho tinham n'este bairro; a miséria, a pobreza em cuja atmosphera se engendraram os crimes, nada tinham que fazer ali.

Alli era o local escolhido para as habitações do smart set, esses quinhetos multimillionarios que, como proprietarios das minas, das rédes ferro-viarias, das nascentes de petroleo ou como dirigentes dos trusts exercem uma influencia mais forte sobre os destinos dos Estados-Unidos do que o proprio governo d'esse paiz, aparentemente tão democratico.

Agora, ás duas horas da madrugada, os modernos Cresos dormiam nos seus palacios da Quinta Avenida, que corre ao longo do Central-park e nenhum ruido se ouvia além do passe rythmado d'um policia de serviço.

D'uma das bellas casas d'essa avenida sabiam então dois homens cuja apparencia estava em completo contraste com o luxo e riqueza que os rodeava.

Eram dois homens fortes, esbeltos, apresentando ambos a mesma idade.

Tinham o rosto, sem barba, mais occulto por bonnets muito puxados para os olhos.

O fato que envergavam estava rôto e nos pés calçavam velhas botas, egualmente rôtas. As camisas de lã não podiam classificar-se de muito limpas e o casaco não era da mesma fazenda, que as calças. No que tudo, porém, concordava era na quantidade de nodos e no numero infinito de buracos.

Os dois homens pareciam pertencer ao grande exercito dos «Tramps», essa legião enorme de falhados e vagabundos de todas as nações e todas as raças que se recruta do lôdo de todos os povos, e cujos membros passam a vida entre a mendicidade e o crime, nos estados da Unio.

Se um dos policiaes tivesse visto sair os dois homens, lá-los-in precluido, pois bastava a sua presenca n'um dos palacios da Quinta Avenida para os tornar immediatamente suspeitos.

Não queremos deixar por muito tempo os nossos leitores em duvida sobre a personalidade dos dois homens.

O habito não faz o monge: os dois falsos vagabundos eram Sherlock Holmes e Roberto King.

O feito do grande policia não lhe consentia passar inactivo a primeira noite em Nova York. Chegara ao local onde se dera o acontecimento que motivára a sua vinda e tudo o impellia a iniciar immediatamente o seu difficil trabalho.

Roberto King viu com alegria a resolução do policia.

A pericia de Holmes conseguiu disfarçar tão bem Roberto que nada trahia o elegante da alta sociedade de Nova-York. Enquanto procedia a esse trabalho,

e o celebre criminalista ia pedindo mais informações e detalhes.

Agora, ao atravessarem as ruas desertas, continuava a conversa.

— Reconhecia, se o visse, o cocheiro do trem em que sua noiva se dirigiu de Bijou Theatre para casa de Wang? interrompeu Holmes.

— Não, replicou Roberto compreendendo; esse homem era um branco. O sr. Holmes parece acreditar n'um *complot*.

— Assim é. Tenho a convicção de que foi tudo muito bem combinado. A direcção do trama achou-se em mãos chinezas, mas ha talvez brancos no caso.

— Conheço casos semelhantes, das minhas anteriores vindas á America, e sei onde existem os antrós dos bandos de Nova-York.

— Sei como os preconceitos de raça desaparecem perante a egualdade dos mais instinctos.

— O senhor contou-me que o rapazito chinês, Li, que chamou mais Elsie em frente do theatro, por ordem de Wang, fora também quem escolheira o trem que devia conduzi-la ao bairro chinês.

— Não tenho duvidas que tudo isso foi combinado, mas como Wang, segundo as declarações do chinês Yu-Long, deixara a casa ás sete horas, quero suppor que não era cúmplice. A não ser que, de combinação com os restantes do bando, se dirigisse de antemão para o local para onde foi arrastada depois miss Sailer. Mas, como já disse, não creio que assim fosse. Julgo, antes, que o desaparecimento de Wang deverá ser explicado em breve, talvez tragicamente; foi, muito provavelmente victima dos seus fanaticos compatriotas.

Roberto que ouvia attentamente as logicas deducções do policia, não podia furtar-se a concordar inteiramente com ellas.

— Que Holmes dizia parecia ser altamente provevel.

— Quer ir atravessar o bairro chinês? perguntou. — Não, replicou o inglez, isso de nada nos serviria e ninguém encontrariamos na rua a esta hora. Vamos collocar nos nas proximidades da esquadra onde está depositado o cadáver, a pseudo miss Sailer. Talvez descubramos alguma coisa interessante.

— Como? Quer entrar na esquadra? perguntou Roberto com surpresa.

— Não, replicou Holmes, sorrindo em virtude das ingenuas perguntas do seu companheiro. Mas segundo li nos jornas da noite que vi em sua casa, a imprensa communica noticias detalhadas sobre o achado do cadáver.

— Essas noticias parecem ser inspiradas pelo capitão Tussor, que louvava as suas estranhas faculdades policias d'uma forma notavel.

— Não posso caso, esse excesso de reclame não nos

prejudica, pois com os jornas noticiam ter a familia reconhecido o cadáver como sendo o de miss Elsie Sailer, isso só pôde ser util ao nosso proposito.

— Os criminosos devem estar ufanos com o excellento resultado do seu plano e tentará talvez, visto sentirem-se em completa segurança, certificar-se ao corpo de condizendo da esquadra paraqualquer sitio. Isto é apenas uma vaga suposição minha, mas como não disponço por enquanto, de nenhum indício, não devo de deixar de tentar iniciar um caminho, assente sobre esta fallivel base.

Os dois homens tinham chegado proximo do seu ponto de destino.

Por sobre a porta da esquadra ardia a luz d'uma pequena lanterna verde.

A rua estava deserta. Apenas, encostado a um candieiro, em frente da esquadra, se via um bebeado que, depois de ter avançado alguns passos cambaleantes, se deixou cahir sentado sobre o rebordo do passeio. Em seguida, estendeu-se ao comprido e deixou-se ficar deitado na valleta.

Sherlock Holmes examinára de longe toda esta scena, voltando-se em seguida para Roberto, a quem segredou:

— O homem não está embriagado, como quer parecer; é um simulante e nós vamos observá-lo mais de perto.

Atravessaram ambos a rua em diagonal e passaram junto do homem, fingindo não repararem n'ellê. A luz do candieiro cahia directamente sobre o rosto do falso bebeado, que revelava nos seus traços, toda a historia do vicio e da depravação.

De subito, Roberto apertou o braço de Holmes e puxou o comigo. Sherlock Holmes sentiu distinctamente a excitação que se apoderára de King, sentiu como o tremor do outro se lhe communicava ao braço e percebeu que Roberto queria dizer-lhe alguma coisa importante.

Efectivamente; alguns passos andados, Roberto segredou-lhe com voz rouca, na qual transparecia a commoção, em baixe repellido:

— E' o cocheiro!

— Tom a certeza, que é elle? inquiriu Holmes.

— A certeza absoluta, insinua King.

Dirigiram-se ambos para o recanto d'um muro, que os occultava, permitindo-lhes ao mesmo tempo ver.

Notaram então que o homem, depois que se tinham afastado os dois trancantes que o tinham imprudentemente, coadava de fingir-se embriagado.

Levantou-se, abandonando a sua incommoda posição e dirigio-se para a parte mais escura da rua, não deixando nunca de olhar para as janellas illuminadas da esquadra.

Com os seus olhos dotados de vista agudissima, Sherlock Holmes seguia todos os movimentos do desconhecido; Antes que elle chegasse á sombra protectora, atravessou a zona de luz do candieiro e o proprio Holmes não pôde suster uma exclamação de surpresa.

— Diabo! Mas em cobego aquelle figurão!

Cheio de espanto pelo que acabava de ouvir, Roberto ficou calado e Holmes sem mesmo esperar uma pergunta, acrocetou-se em voz baixa:

— Chama-se Mac Lellam, conheci-o ha seis annos n'uma espelunca do porto em New-Jersey; é um bandido da peor especie mas, felizmente, não sabe qual é o meu officio, pois quando o conheci, elle ficou me suppondo da sua egualia e em não tive necessidade de o desilludir, porque andava n'essa occasião a estudar os typos e costumes da região.

Roberto ouvia com grande interesse a narração do policia.

— Que vamos nós fazer agora? perguntou.

— Não! Nada, retorquiu Holmes. O que vai fazer tem de ser feito por mim só.

E ao notar um movimento de protesto do seu companheiro, continuou:

— Não, não me curo, o senhor prejudicar-me hia. Acredite-me: para o que vai succeder agora, é necessario conhecer muito bem os habitos d'estes infames bandidos e esses conhecimentos não pôde o senhor possuilos. Além d'isso duas pessoas tornam-se mais nadas do que uma só. Portanto, peço-lhe: vá para casa e espere lá por mim.

— D' aqui a duas ou tres horas irei para casa e contar-lhe-hei tudo que succeder.

Roberto não se atreveu a protestar contra as disposições tomadas pelo homem de quem tudo esperava.

Aperitou-lhe vigorosamente a mão e dirigiu-se a uma travessa, para d'alli procurar o caminho mais curto que o conduziria a casa.

Sherlock Holmes ficou só, como descreja e continuou a seguir todos os movimentos do homem que reconheceira.

Mac Lellam passava em frente da esquadra para baixo e para cima, mas ninguem se movia alli. Nem um só agente sahia e, pouco a pouco, foram-se apagando as poucas luzes que ainda se conservavam acertas.

O atrevido bandido pareceu querer convencer-se se o socego absoluto que a falta de luzes annunciava era verdadeiro e só depois d'algum tempo de espera é que decidiu partir.

Com çou então a caminhar com uma segurança onde nada havia de embriaguez simulada ha pouco.

Introduzido rapidamente as mãos nos bolsos, o

policia assegurou-se que possuia os instrumentos de que necessitava. A brownie carregada e a lanterna estavam a postos.

Pôde iniciar a perseguição com confiança. Ao abrigo das ruas e com solos de botracha, por consequente silenciosas, foi seguindo Mac Lellam, que caminhava despreocupado.

A confusão das ruas de Nova York era quasi tão conhecida do celebre policia como o labirinto das ruas de Londres, de forma que, logo á segunda rua pela qual o bandido tomou, Holmes percebeu que elle se dirigia ao bairro chinês.

Isto era a confirmação das suas suspeitas. Não ficou surprehendido ao ver Mac Lellam atravessar a larga avenida onde desembocava a ruaella por onde ambos seguiam, e introduzir-se por uma estreita viella que cunhava os hangares da Companhia dos carros electricos e penetrava no bairro chinês.

Sherlock Holmes notou com recio que no oriente começavam a nascer os primeiros clarões do dia e que o sol não tardaria a mostrar-se no firmamento, destruindo a sombra que tão propicia era ás suas operações policias.

A sua esperança era que Mac Lellam attiguisse o ponto onde se dirigia, antes que nascesse o dia.

Isto parecia-lhe provevel, porque o seu perseguido diminuia justamente os passos e voltava-se com mais frequência para traz, felizmente nunca tão depressa que Holmes não tivesse tempo de se occultar em qualquer portal ou saliência das construyções, pois os alambicados eram tão arbitraríos no bairro chinês que em toda a parte surgiam escondorijos para o policia.

Sherlock Holmes ia justamente sahir d'um portal d'um brio á braquista onde se occultara, quando viu Mac Lellam parar novamente e olhar suspeticamente em volta.

O celebre policia reconheceu segunda vez para o seu escondeiro e via com satisfação que o bandido, depois de se assegurar que a rua estava deserta, atravessou rapidamente e tomou duas vezes seguidas a campainha d'uma casa cuja portaria estava completamente coberta de caracteres chinezes.

Decorreu um curto lapso de tempo, parecendo depois que, do interior da casa era feita uma pergunta á pessoa que batia, pois Sherlock Holmes viu Mac Lellam mover os labios, como se pronunciasse a palavra de passe que lhe era exigida de dentro.

O policia não pôde ouvir o curto colloquio, porque a distancia era grande, mas o facto da porta ser aberta em seguida e do homem que esperava na rua penetrar rapidamente, fechando mais rapidamente ainda a porta, confirmou as suspeitas de Holmes.

O crepusculo da manhã facilitou ao policia a observação, sem sahir do seu escondeiro, dos detalhes ar-

chiteticos da casa em questão, conservando impressões na memória todos os signaes particulares do local.

Orientou-se rapidamente e arrastou-se em seguida prudentemente até á proxima esquina. Depois dirigiu-se para casa de King.

Podia sentir-se orgulhoso da primeira noite passada em Nova York, porque o successo ia além de todas as suas esperanças, pois nunca poderia julgar veloz e tão brilhantemente confirmadas.

Sabia agora com certeza onde começava a pista de crime e era impossível obter mais por enquanto.

CAPITULO V

Sherlock Holmes arrebolado

Nas proximidades das docas, no bairro sul de Jersey-City, existem dezenas de tabernas de infima ordem.

São locais tão mal afamados, que até mesmo os marinheiros dos navios mercantes, nada escrupulosos na escolha dos lugares que frequentam, evitam penetrar n'aquelles antros.

A policia de Nova-York conhece muito bem a existencia d'aquellas cavernas do crime, mas os seus agentes evitam frequentar-as, por amor á pelle, e os frequentes d'esses saloons, como as taes taboerarias se denominam, acolhem com sympathia essa delicadeza da policia.

Sentem-se ali seguros, pois sabem que nenhum *leigo* se atreverá a penetrar n'aquella atmosphera.

Entre os saloons de Jersey-City o «Passaro Azul» era especialmente preferido, constando a sua frequencia da fina «fior» do banditismo.

Estava-se no dia seguinte áquelle em que tinham succedido os factos que os leitores lêram nos capitulos antecedentes, quando Mac Lellan penetrou na sala do «Passaro Azul».

Era pouco antes do anoitecer. Vinha ainda livre dos fumos do alcool e o seu andar mostrava uma firmeza que lhe faltava geralmente ao sair da taberna.

Mac Lellan não parecia muito contente consigo mesmo. O rosto denotava raiva concentrada e voltou-se de má castadura, quando do fundo da sala o chamaram:

—*Hallo, boy!*
Olhou quem assim o interpellava e viu sentado a uma meza um homem que o convidava alegremente a sentar-se. Hesitou e o outro exclamou com ar de offendido:

—Estão não me reconheces?

Mac Lellan approximo-se. Procurou, na sua memoria alcoolizada, quem seria aquella homem que lhe parecia conhecer a, subitamente, o seu rosto de bandido teve uma expressão de alegria.

Estendeu a mão direita, que o outro apertou, e grunhiu sorrindo:

—Olá, Forster, és tu?

O outro acenou affirmativamente, e enquanto o recém-chegado se deixava cabir sobre o banco, murmurou:

—Parece que o *brandy* e o *gin* te escaldaram a *cachola*. de forma que nem já conheces um amigo ao fim de seis annos, homem!

—E' verdade, retorquiu Mac Lellan, esperava antes encontrar aqui o diabo do que tu. Onde tens tu estado mettido? Em Sing-Sing? (A grande prisão dos Estados Unidos).

—Não, replicou Forster, com um sorriso de desprezo. A mim não me spanham elles! Nunca vi uma prisão por dentro e não ha de ser facil vê-la. Trabalhei na Europa n'estes ultimos annos e cheguei ha quinze dias. Talvez pudessem arranjar qualquer trabalho.

—Se conheces qualquer *negocio* que renda, vamos a isso, que bem preciso, murmurou Mac Lellan.

—*Negocios* não faltam, replicou Forster. Sei um *grande negocio*, que havia de correr ás mil maravilhas, e talvez valha a pena falarmos n'isso. Sentá-te aqui e bebe comigo.

Mac Lellan aceitou o convite e poucos minutos depois estavam ambos mergulhados n'uma conversação em voz baixa que só era interrompida quando o taberneiro vinha substituir as garrafas de *gin* vazias por outras cheias.

Forster fallava a Mac Lellan, ouvia as palavras do seu antigo conhecido com a maxima attenção.

—Vas fallar-te com toda a franqueza, começou Forster. Vim hoje ao «Passaro Azul» na esperanza de te encontrar, porque tenho um plano que não posso executar só. Isto vai contra os meus principios, porque tu deves lembrar-te que eu resisti sempre aos reiterados convites para *trabalhar* contigo. Por principio, só me occupo d'um assumpto que eu possa tratar sem complices.

—D'esta vez, porém, trata-se d'uma somma cuja importancia explico que eu me afaste dos meus principios.

—Imagina, meu velho, que conheço uma casa em Nova-York, e dentro d'essa casa uma sala e n'essa sala uma secretária. Ora tenho aqui as chaves d'essas tres coisas: da casa, da sala e da secretária.

Forster tirou do bolso um molho de chaves e mostrou-o ao outro com ar triumphante, mostrando

—Se abrírmos a secretária, continuou, encontraremos um lindo cofrezinho d'ago, que seria pesado demais para um homem só.

—E quanto existe dentro d'esse cofre? perguntou avidamente Mac Lellan.

—Quatrocentos mil *dollars* segredou Forster.

—Em papéis de credito? inquiriu o outro.

—Estás doido? replicou Forster, com desprezo. Jim Forster não mexe em papéis de credito. Quatrocentos mil *dollars* em bellas notas do banco e em lindas moedas d'ouro.

—E quando podemos ir buscar isso?

—A aguardante e a excitação tinham tornado mais ronca ainda a voz de Mac Lellan.

—Temos que ir buscar a *moeda* ainda esta noite, retorquiu Forster, porque, de contrario levam tudo amanhã de manhã para o banco, e depois de estar na casa-forte ha de ser mais difficil tiral-o de lá.

—E quem está de guarda á casa? interrogou Mac Lellan.

O outro teve um gesto descurioso.

—Não ha nada a recear. Está lá apenas um velho creado surdo que nem ouvirá quando eu abrir soceadamente a porta, e um creado de quarto que se embêbeda regularmente todas as noites.

—O dono da casa dorme n'um quarto afastado do local onde está o cofre. E' preciso atravessar seis salas para vir do quarto d'elle á secretária. Eis tudo.

Em caso de necessidade, se algum vier incommodar nos, mettém-se lhe algumas polganas de ferro na barriga, e, para mostrar a facilidade com que praticaria o que dizia, tirou do bolso uma faca-punhal, que collocou sobre a meza.

Forster pegou-lhe e guardou-a na algibeira, acrescentando:

—Nada, meu rapaz; onde trabalha o Jim não ha d'essas coisas. Nada que possa custar a cabeça. Alguns annos em Sing-Sing ainda se podem supportar, *a poor hypothesis*, e ha sempre a esperanza de poderem dar ás de villos Diego; mas depois de estarmos pendurados na forca é que não ha nada a fazer.

—Se queres associar-te comigo, é preciso não mettermos armas no negocio, porque ha o perigo da gente se esquecer com o susto. N'este caso não devemos recear sermos surpreendidos e posso affiançar que tudo correrá bem.

Mac Lellan parecia deixar-se convencer pela superior philosophia do collega e não se oppoz a que o outro guardasse a faca no bolso.

A pergunta:

—Vale com esta condicoes? acenou affirmativamente e perguntou por sua vez:

—Quando vamos a isso?

—Podemos partir d'aqui a meia hora, declarou

Jim Forster. Antes de lá chegarmos dão as 11 horas, que é a melhor occasião. O dono da casa teve um grande desgosto e soffre de insomnias. Informei-me e soube que elle toma drogas para dormir; como nós não pôde haver nada mais favoravel. Torceram-lhe o pescoço á noiva e o homem anda maluco.

—Tratar-se-ha do caso da missionaria dos chinezes, a filha do senador Salsbury?

—Parece-me que sim, replicou Forster sem dar importancia ás palavras de Mac Lellan. Era noiva d'elle e naturalmente perdeu o somno por causa de vêr fugir-lhe o dote.

—A rapariga não está morta, grunhiu Mac Lellan.

Andei mettido n'isso.

—Ah! sim? fez Forster, aparentemente desinteressado.

—Sim. Os diabos amarellos tem-n'a escondida.

—Ganhaste, ao menos, alguma coisa com isso? perguntou Jim, fazendo com o polegar e o indicador o gesto de contar dinheiro.

O outro exclamou, furioso:

—Esses diabos de rabicho querem dar-me uns milhares de *dollars*, mas eu não cêdo; ponho-lhes um revolver ao peito tão certo como chamar-me Mac Lellan.

—Um branco não deve nunca *trabalhar* com essa canilha amarela, murmurou Forster e, sem esperar a resposta do campanheiro, levantou-se e foi pagar a conta ao balcão. Em seguida voltou-se para Mac Lellan:

Vamos, que são horas.

E sahiram ambos do «Passaro Azul». Atravessaram o North River e percorreram o elegante Broadway, em direcção ao Central-Park. Era proximamente meia noite quando chegaram junto da casa de Roberto King, na 5.^a Avenida.

Sherlock Holmes, que os nossos leitores já devem ter reconhecido sob o disfarce de Jim Forster, estava um pouco excitado, porque apesar do seu indistinctivel optimismo, nunca supportava o que o acaso o conduzia com tanta facilidade á verdadeira pista.

Consequin dominar a sua alegria e conservar a naturalidade que era necessaria para provocar mais confidencias de Mac Lellan.

Agora, que havia a certeza de Elsie Salar estar ainda viva, e o policia ardia em desejos de communicar a Roberto King a boa nova, já Holmes não duvidava que conseguiria arrancar a joven das mãos dos seus algozes.

Em volta da casa de King havia um pequeno jardim, no qual se podia penetrar, além do grande portão, por uma pequena porta, que dava para uma rua que vinha cruzar a 5.^a Avenida.

Foi por esta porta que entraram Mac Lellan e aquelle que elle suppunha ser seu companheiro no cri-

me. As plantas que trepavam pela grade de ferro não deixavam penetrar no jardim qualquer olhar indiscreto e, occultos pela pequena muralha vegetal, os dois homens caminharam até a entrada principal da casa.

Mac Lellan estava espantado, ao ver a desfeiteira com que o seu companheiro metia a chave na fechadura e abria a porta, como se estivesse em sua própria casa. No hall, que estava às escuras, Sherlock Holmes pegou na mão do bandido e conduziu-o para a escada que dava para o 1.º andar.

— Ali há luz, segredou Mac Lellan, referindo-se a um clarão que se divisiava, provindo d'uma porta envidraçada, ao fim do corredor.

— O porteiro surdo e o criado de quarto estão a beber, como costumam, explicou o falso Jim Foster, e a esta hora já devem estar completamente bebidos.

Foram subindo a escada e, chegando ao primeiro andar, o pseudo Foster apressou uma série de salas, como qualquer ladrão, digno d'esse nome, que se orienta primeiro muito bem sobre o local das suas futuras operações e que caminha em seguida sem hesitações.

Mac Lellan seguiu-o, um pouco receosamente, e verdade, mas instigado pela coibiça, pela necessidade de obter a grande porção de dinheiro que esperava ser o fructo d'aquella arriscada expedição.

Foster abriu uma ultima porta e entraram ambos n'uma sala.

— E' aqui, segredou Holmes ao seu companheiro, e puxou a porta, que se fechou.

— Onde está a secretária? perguntou Mac Lellan.

— Espera, já vai, respondeu-lhe Foster; vou acender luz; avança um pouco, mas tem cuidado.

Este aviso veio demasiado tarde, porque o bandido esbarrou em qualquer objecto, que caiu no soalho, fazendo um ruido enorme de louça partida.

— Diabol Partido o vaso japonês, exclamou Foster; se alguém ouvir, estamos perdidos!

— Fugamos, depressa! exclamou Mac Lellan tremendo.

— Não há outra saída, murmurou Jim, de mau humor. Calate-te, que talvez ninguém tivesse ouvido o ruido.

N'esse momento, porém, a porta abriu-se, e a sala illuminou-se subitamente e ne limitou surgiu Roberto King, apontando um revolver para os ladrões. Ao ver a arma Mac Lellan collocou-se, de um salto, atrás de Foster.

— Dá-me a faca, segredou-lhe, que eu dou cabo d'esse cão.

— Estás doido! disse Holmes, nada de sangue. Deixa-me proceder.

— Levantem as mãos ou airof gritou Roberto ameaçador.

Ouviu-se o som d'uma campainha electrica a travéz da casa; sentiu-se abrir a porta da casa e dois agentes de policia subiram a escada apressadamente.

— Não resistas, que só temos a ganhar com isso, murmurou Jim Foster para Mac Lellan, confiante em mim, que eu arranjaré as coisas.

Fem oppôr a menor resistência, estendem as mãos para lhe serem postas as algemas.

Furioso, mas sem se oppôr seriamente Mac Lellan deixou que lhe fizessem o mesmo que ao seu companheiro.

— Tem uma carruagem lá em baixo? perguntou Roberto King aos agentes.

— Encontraremos uma á esquerda, retorquiu um dos policas.

— Então levem primeiro esse homem, exclamou Roberto, apontando para Lellan. Eu aguardarei tratando o outro sozegado, com o meu revolver. Tem mais algum camarada lá em baixo?

— Sim, senhor, mais dois.

— Então mande buscar este figurão pelos seus collegas, replicou Roberto.

Os dois policas tinham sgarado já Mac Lellan e empurravam-no para a escada.

Na sala, agora illuminada pela luz electrica, ficaram apenas Roberto e Sherlock Holmes.

O joven americano, que tão bem desempenhára o seu papel, fitava o policia, ansiando por obter informações.

— Como vê, tudo correu bem, exclamou Sherlock Holmes rapidamente. Miss Elsie Sailer está viva e acha-se nas mãos dos chinezes! Não sei ainda onde, mas se me enforcaram com esse bandido, na mesma cela, e é isso que vai succeder, conseguirei saber tudo.

— Venha amanhã de manhã á Direcção da policia e peça para eu ser interrogado na sua presença, em primeiro lugar. Até ali ninguém deve saber, nem mesmo a policia, que este assalto foi fingido e que está em relação com o caso Elsie Sailer, senão fazem ainda alguma asneira.

No excesso da sua algriz, Roberto quiz approximarse do amigo, para lhe apertar a mão. Não chegou a fazê-lo, porque o celebre policia gritou-lhe:

— Afaste-se! Abi veem os agentes!

King mal teve tempo de recuar e apontar o revolver para o falso ladrão.

Os dois agentes entraram novamente e agarraram Holmes.

— Anda, figurão, exclamou um d'elles, a cela está já aquecida para voçós ambos.

— Escusam de se incomodar, replicou o preso amavelmente. Sigo-os de boa vontade, sem resistência.

O celebre policia dirigiu-se para a carruagem, entre os dois agentes, subindo um d'elles para a almoda.

— No trem achava-se já Mac Lellan, que rangia os dentes, furiado.

A carruagem dirigiu-se á Direcção da policia, onde o capitão Tussor recebeu os presos.

— Então, meus senhores, a coisa hoje correu torta, hein? exclamou elle, radiante. Não imaginam a minha alegria por ter a honra de os receber n'esta casa. Amanhã de manhã conversaremos com mais vagar. Indiquem a esse gentleman o quarto que elle vai occupar, continuou, dirigindo-se aos agentes. No nosso hotel não são muito confortáveis os alojamentos, mas os cavalheiros terão paciencia. E estas pequenas pulseiras, exclamou, apontando ironicamente para as algemas. terão de ser conservadas nos pulsos.

Os agentes pegaram em Holmes e em Mac Lellan e metteram-os n'uma cela bastante vasta, de cujo tecto pendia uma fraca lampada electrica.

O capitão Tussor ficou agradavelmente surprehendido com a prisão, effectuada pelos seus agentes, de dois individuos aparentemente tão perigosos, pois nos ultimos dias as coisas não lhe tinham corrido bem.

Tinha prendido a torto e a direito no bairro chinês todos os que se lhe afiguravam suspeitos, no intuito de encontrar os assassinos de Elsie Sailer.

Os prisioneiros tinham sido sujeitos ao que se denomina o interrogatorio do terceiro grau, e que é uma verdadeira tortura da idade media.

Consiste em introduzir o delinquente n'uma cela brutalmente aquecida, conservando-o ali durante quarenta horas e mais, sem lhe permitir que durma um unico segundo.

Este infame systema, tão diabolico nos seus effectos, era extraordinariamente simples na sua execução.

Em interrogatorios successivos, feitos com curtos intervallos, o pobre diabo era constantemente impedido de começar a dormir, como tanto desejava. Os empregados que procediam aos interrogatorios eram rendidos, porque não supportavam o calor.

E' claro que o desgraçado que estava sendo interrogado confessava tudo que queriam, naancia de aoa bar com aquelle martyrio.

Tussor tinha conseguido obter, por aquella processo, uma serie de confissões, as quaes, pouco depois, se demonstrava serem falsas, e a imprensa começava a trevar da extraordinaria inventiva criminal do capitão da policia, que annunciava sempre tão pomposamente os resultados dos seus interrogatorios, para os desmentir com regularidade no dia seguinte.

Estas ironias dos jornaes não eram de molde a diminuir o nervosismo do inhabil capitão.

Em virtude d'isso, a prisão de dois ladrões que se preparavam para commetterem um roubo importantissimo não podia d'ixar de ser aproveitada para desviar um pouco a attenção do azar que o perseguia no caso Sailer, e para levantar a sua reputação que começava a andar muito arrastada.

CAPITULO VI

O capitão surprehendido

Na manhã seguinte, quando o capitão Tussor, que tomára as suas disposições para que fosse mandada para a imprensa, na noite anterior, a noticia sobre a prisão dos dois ladrões, de forma a vir ainda publicada na manhã seguinte, quando o capitão Tussor, diziamos, entrou no seu gabinete, ficou surprehendido ao ver que Roberto King já ali o esperava.

O joven, que não lhe era muito sympathico, apparecia-lhe como a censura personificada, pelo facto de não ter conseguido obter ainda o menor resultado nas suas diligencias acerca do caso Sailer.

— Então, sr. King, parece-me que d'esta vez não tem razão de queixa. Julgo que subeámos spanhar com a bocca na botija dos bandidos que se preparavam para lhe assaltar o cofre.

E' verdade, retorquiu King, curvando-se ligeiramente, com um leve sorriso. Agradeço-lhe infinitamente a sua rapida intervenção. Creio que o senhor nem de leve suspeita o extraordinario servico que me prestou, e que ao senhor proprio prestou com essa prisão.

— Como? Não comprehendo de que maneira! retorquiu o capitão, desdenhosamente.

Roberto continuou, com a mesma amabilidade:

— Poderia pedir para interrogar os dois homens na minha presença?

— Se assim o deseja sou obrigado a isso, replicou Tussor.

— Como o senhor acode com tanta amabilidade ao meu pedido, atrevo-me a importuná-lo ainda; deseja que fosse interrogado primeiro o preso que diz chamar-se Jim Foster.

— Não comprehendo qual o motivo d'essa preferencia, mas nada me custa fazer-lhe a vontade.

Tussor pronunciava estas palavras evidentemente mal humorado.

Carregou um botão electrico e deu ordem ao agente que acorreu ao chamamento, para conduzir ao gabinete o preso Jim Foster.

O agente retirou-se e, enquanto Tussor se curvava sobre a secretária, examinando vários papeis, Roberto exclamou:

— Já vas vêr, capitão, qual o motivo porque é preferível interrogar primeiro esse tal Forster.

Tussor não replicou e continuou examinando os papeis.

Poucos segundos depois abriu-se novamente a porta e appareceu Sherlock Holmes, ainda algemado e conduzido por um policia.

Tussor ergueu os olhos e ficou o preso, fazendo em seguida um gesto ao agente, significando que se retirasse.

Logo que os tres homens ficaram sós, e o capitão quiz começar o interrogatorio, o prisioneiro separou subitamente as duas mãos que pareciam pressas nas algemas e, estendendo a direita a Roberto King, exclamou:

— Bom dia, sr. King.

Roberto apertou-lhe amigavelmente a mão, demonstrando claramente sentir alegria ao vê-lo. O espanto do capitão era tal que se esqueceu de tocar para virem algemar novamente o prisioneiro; esqueceu-se de gritar por socorro, dizendo apenas:

— Mas... que significa isto?

King exclamou, voltando-se para elle:

— Vas ter já a expolição, senhor capitão. O assalto d'esta noite em minha casa foi simulado e feito com o fim de nos apoderarmos d'um homem que tomou parte no rapto de miss Elsie Sailer. Esse homem chama-se Mac Lellan e é outro preso.

Tussor olhava estupefacto, ora para o preso que, com o mais amavel sorriso, começou:

— Confirmo absolutamente as afirmações do meu amigo King e passo, no mesmo tempo, dar-lhe a agradável noticia, de que não ignora já o paradeiro de miss Elsie Sailer.

— O paradeiro de miss Elsie Sailer? Mas se ella foi assassinada e nós temos o seu cadaver! exclamou Tussor.

— Não, senhor, respondeu o prisioneiro, o cadaver encontrado na mala é uma substituição intencionalmente feita; miss Elsie Sailer vive!

— Mas... quem é o senhor, que afirma estar tão bem informado? inquiriu o capitão Tussor, o qual, tendo a intuição que fora derrotado pelos outros, mais azedo se tornava.

O prisioneiro curvou-se cortemente, acrescentando com simplicidade:

— O meu nome é Sherlock Holmes!

Como se um raio lhe cahisse subitamente aos pés, o capitão ficou immovel, olhando fixamente o celebre policia, como se estivesse em presença d'uma apparição sobrenatural.

Sherlock Holmes não lhe deu tempo para voltar a si do effeito inesperado de tal revelação.

Perdeu-se, meu caro capitão, começou, ter em intervidu nas suas attribuições, mas foi a pedido do sr. King, de fórma que nada mais fiz do que obedecer-lhe.

— Consegui, felizmente, obter alguns indícios importantissimos e ao o senhor e os seus empregados quizerem auxiliá-me, afação lhe que miss Elsie Sailer será conduzida a casa de seus paes ainda esta noite, sem que nada de irreparavel lhe tenha sucedido.

O policia interrompeu-se, por um momento, mas ninguém fallou.

No rosto dos seus dois interlocutores lia-se a expressão da mais profunda ansiedade. O celebre criminalista continuou:

— O caso é este: o homem que se acha lá dentro, prisioneiro, e que eu hontem levei a praticar cummigum fogido assalto, chama-se Mac Lellan.

— E' um dos patíficos mais onzados e mais falto de sentimentos que eu tenho conhecido. E' capaz de matar o pae e a mãe por um copo de genheira.

— Temos tambem, no bairro chinês, o dono d'uma caverna de fumadores d'opio, chamado Tchih-Fu, um fanático que é presidente d'uma sociedade secreta chinesa.

— E' este o ancor da proeza que, muito provavelmente, custou a vida ao chinês Wang.

— Wang era, antes da sua conversão, membro da sociedade de Tchih-Fu e, quando passou ao christianismo, os bandidos decidiram punil-o por essa apostasia.

— Era grande tambem o desejo de assassinar miss Elsie Sailer, pois receavam e, quanto a mim, com razão, que a sua bondade e o seu encanto conseguissem converter maior numero de chinezes ao christianismo.

— Esse desejo enconou, porém, tenaz opposição na pessoa do proprio Tchih-Fu, cuja cubia, excitada pela belleza da joven missionaria, architectou logo outros planos.

— Resolveu apoderar-se de Elsie Sailer e forçá-la a acceitar aos seus desejos. Sabia, contudo, que a joven não permitiria, que o nojento patife lhe tocasse, enquanto n'ella houvesse um sopro de vida e por isso modificou o seu plano da fórma que passo a expôr.

— Antes de mais nada, era necessario apoderar-se de miss Elsie Sailer e a ligeira doença de Wang forneceu um optimo pretext para esse fim. Atiraram-na a joven, do theatro em que se encontrava, para uma carruagem que era guiada por Mac Lellan e fizeram-na cair n'uma cida, anestesiando-a e occultando a n'um esconderijo na casa do opio, de Tchih-Fu.

— Onde os bandidos foram obter o cadaver d'uma

joven, a quem queimaram as mãos e a cabeça, para impossibilitarem os parentes de descobrir o engano, d que Mac Lellan não me disse.

— Elle continua a suppor me um bandido da sua laia.

— Ao mesmo tempo, Wang era chamado por um emissario, que disse vir da parte de miss Elsie Sailer. Que foi feito d'elle? Não sei, mas hei de averiguar-o.

— E' necessario que Mac Lellan continue a julgar-me um bandido da sua especie, porque elle confia no meu auxilio para fugir e ir ter com Tchih-Fu, a quem obrigará a dar-lhe dinheiro que o outro recusa.

— Combinámos ambos, esta noite, o plano da fuga. Até ás 4 horas o patife contor-me ha ainda muitas coisas que podem ser-nos muito uteis, para os nossos futuros trabalhos.

— A's 4 hora irrei ter com o senhor King. Até ao cair da noite aproveitaremos bem o tempo.

— Espere, senhor capitão Tussor, que tenha a bondade de pôr á minha disposição dez dos seus homens.

— Pego-lhes, meus senhores, que não esqueçam uma coisa: ninguém, a não sermos nós tres, deve saber, seja o que for, sobre este assumpto, nem mesmo os agentes de que necessitamos para a nossa expedição d'esta noite ao bairro chinês. Nem mesmo aos paes da infeliz menina deve ser communicada a alegria que os espera.

— Todos deviam continuar a acreditar na morte de miss Elsie Sailer e a menor indiscreção pôde chegar aos ouvidos do bandido, que porá a sua presa em segurança antes que nós pêsamos intervir.

Sherlock Holmes analysára, e a impressão produzida pelas suas palavras foi tão forte, que nem a propria vaidade de Tussor lhe deu coragem para replicar, apesar de se ter sentido ferido, de começo, com a intrusão do grande policia.

Agora, contudo, nada mais fez que inclinar-se, obedecendo ás disposições tomadas pelo grande criminalista.

Elle proprio pôz-lhe as algemas nos pulsos e, depois do pseudo-prisioneiro ter recommendado novamente muito segredo, o capitão chamou um agente, ordenando-lhe que conduzisse o ladrão Jim Forster novamente para a sua cela.

quadrada da Oitava Avenida e dirigiu-se apressadamente a casa de Roberto King, que o esperava com impaciencia.

Trataram de escolher trajas que lhe permitissem descer ao antro de Tchih-Fu sem serem notados, como dois simples curiosos que fizessem um passeio pelo bairro chinês.

O talento frígoliano de Sherlock Holmes permittilhe proceder egualmente ao disfarce de Roberto King d'uma fórma perfeita.

Enquanto durara este trabalho, que demorou bastante tempo, o policia foi narrando a Roberto King a fórma como conseguira obter as informações sem as quaes não teria sido possivel esperar vêr bem succedidos os esforços de ambos.

Quando, em seguida ao pseudo-interrogatorio d'essa manhã, voltara para a cela, para junto de Mac Lellan, ia furioso e descreveu a situação d'uma fórma tão desfavoravel e com cores tão negras, que o bandido resolveu immediatamente acceder ao plano da fuga.

A possibilidade d'essa fuga foi explicada depois serenamente por Jim Forster, que a declarou certissima; era preciso, porém, obter uma somma bastante avultada, para se ausentarem para bem longe do Nova-York e da sua policia. Ora esse dinheiro devia obter-se fazendo uma tentativa de *chantage* contra o chinês Tchih-Fu, tentativa que se effectuariá ainda n'essa noite, immediatamente após a fuga da prisão.

Fôra com a intenção de realisar essa tentativa de *chantage* que Mac Lellan, absolutamente confiante, communicara ao seu arrojado companheiro todos os detalhes que este lhe pediu. Depois de fornecidos todos estes detalhes, Mac Lellan ficou esperando debaixo de volta de Jim Forster, que fôra levado pela segunda vez, ás 4 horas, para ser interrogado.

Para prevenir a eventualidade da fuga do bandido, quando visse que o companheiro não voltava, Sherlock Holmes pediu que fossem mandados para dentro da cela dos dois agentes armados, com ordem de não perdê-los de vista.

Os detalhes que Sherlock Holmes tinha appahado a Mac Lellan, eram os seguintes. Os compartimentos onde se fumava opio estavam situados nas caves da casa de Tchih-Fu. Eram tres jiveias baixas, abobadadas, das quaes só a ultima possuia uma lucarna que dava para o pateo. A illuminação era, por conseguinte, artificial, estando a cave dividida, por ligeiros tabiques de madeira, em pequenos nichos nos quaes havia tismas de madeira, cobertas com tapetes, sobre os quaes as freguezes de Tchih-Fu passavam as horas que durava o torpor causado pelo uso do opio.

O compartimento em que estava sequestrada Elsie Sailer, era contiguo áquelle em que estava, a maior

CAPITULO VII

A caverna do opio

A's 4 horas e meia, Sherlock Holmes saiu da es-

parte do tempo, Tchin Fu, e que era o terceiro dos compartimentos que primeiro descreveram.

Nas outras duas divisões, alguns jovens chineses serviam os numeros freguezes.

No ultimo compartimento da cave nada se notava de onde se desprehendesse que existia uma passagem para outra divisào seguinte; contudo, assim era, se bem que tal facto escapasse a olhares desprevidos.

A parede estava coberta com uma tapeçaria, que occultava uma porta baixa e estreita, a qual dava para um corredor de cinco metros de comprimento.

No fim d'esse corredor havia uma pesada porta de ferro, que estava fechada, tendo, porém, a chave na fechadura.

Essa porta pertencia ao compartimento que servia de prisão a Elsie Saylor.

A luz, aqui, era tambem artificial, pois nenhuma janella, nemhuma abertura communicava directamente com o mundo exterior.

O quarto servia primeiro de deposito de opio e outras mercadorias pertencentes ao commercio de Tchin-Fu.

Para tornal-o mais apto ao seu actual destino, o chinez guarnecera as humidas paredes com tapeçarias e mobiliu o aposento summariamente, cobrindo tambem o chão com uma esteira.

A porta fôra almofadada, para que as freguezes de Tchin-Fu não pudessem ouvir os gritos soltados pela joven.

O receio do bandido era, porém, inutil. Elsie permanecia n'um estado ininterrupto de somnolencia, e a sua energia só despertava quando o seu carrasco penetrava no aposento.

A luxuria do infame chinez brilhava-lhe nos olhos enviezados e a pobre joven não perdia um só dos seus movimentos, transida de pavor.

Ella sabia perfeitamente que a comida que o chinez lhe trazia continha fortes poções para a adormecerem, mas a fome era tão irresistivel que a joven via-se forçada a comer.

Tremia, ao pensar que podia ser surpreendida pelo bandido durante o sono e como lhe era impossivel deixar de dormir, inventava um processo que lhe dava a certeza que todo aquelle que penetrasse na sua prisão seria obrigado a despertar a ao abrir a porta.

Elsie collocara a *chaise-longue* que lhe servia de leito, proximo da porta de ferro, e, ao deitar-se, atava as largas e compridas mangas da cabia chinesa que lhe tinham dado ao despojá-la do vestido, das roupas e das joias, ao fecho da porta, o qual, ao ser levantado, a arrancava fatalmente do sono.

A raiva de Tchin Fu augmentava de dia para dia. Via-se impotente contra as medidas de precaução to-

madadas pela joven, e decidira abandonar o proposito das violencias.

Tinha reacquirido a calma philosophica propria dos homens da sua raça e resolveu esperar até que a prisioneira, fatigada pelo martyrio da sua situação e pelo receio do seu destino, lhe cahisse nos braços pedindo-lhe graça.

Todas as manhãs, quando saham os ultimos freguezes, cambaleando e de olhos encovados e ainda sob o imperio do terrivel veneno, Tchin-Fu afastava o armario dos cachimbos que ajudava a disfarçar a porta e dirigia-se para o quarto da prisioneira, levando-lhe a habitual ração diaria. Ia cheio de anxiedade, na esperança de encontrar modificada favoravelmente a resistencia da joven.

Demorava-se sempre um pouco no aposento, como se esperasse a realisacão dos seus desejos. Voltava um seguida pelo mesmo caminho por onde viera, tornava a collocar o armario na mesma posicão, voltando na manhã seguinte a fazer a sua odiosa visita.

Eram estes os detalhes que Sherlock Holmes tinha arrancado astuciosamente a Mao Lellan e que acabara de communicar ao seu amigo.

Roberto King estremecia de raiva. Certava os punhos n'uma cohera impotente e ouvia fremidas as indicações que lhe dava o policia leero do papel que ia desempenhar na libertação da sua noiva.

Agradeceu a Holmes não o obrigar a esperar inactivo o desenrolar do triste drama e o facto de lhe permitir ser o primeiro a penetrar com elle no covil de Tchin Fu. Concordeu e submetteu-se a todas as ordenações e exigencias do policia, ainda mesmo aquellas que lhe pareciam inexplicaveis, para não comprometter, por aquelle acto reflectido, o plano de Sherlock Holmes.

Pasmava perante a agueza e intelligencia com que o salvador da sua noiva dispunha as coisas e dominava a situação.

A expectação só podia effectuar-se depois do cabir da noite de maneira que só ás 11 horas sahiram do casa, com grande alivio de Roberto, que soffia indizivelmente por ter de esperar tanto.

Niaquem descobrira nos dois homens um ingles e um americano. Lam ambos disfarçados em professores allemes, com os caracteristicos oculos e os incommodos mas duradouros capotes de collocção.

O disfarce que Sherlock Holmes escolhera para si e para Roberto King era reforçado pelo reconhecimento profundo da lingua allemã, que lhes permitia fallar a rica lingua de Goethe sem o sotage arrastado dos ingleses.

Havia ainda outras razões que aconselhavam aquell disfarce porque entre os curiosos que pretendiam e

tudar as baixas camadas da população neo-yorkina, contavam-se em maior numero os allemes.

Combinaudo apressadamente, os dois homens attingiam em breve o bairro chinez.

Solitarios, e apparentemente abandonados, estavam as filas de casarias, e só excepcionalmente um fillo de Céu atravessava rapido d'uma para outra villa.

Ao voltarem uma esquina deu-se um incidente que poz em perigo o resultado da nocturna expedicão.

Em frente d'uma casa, mal illuminada por uma lanterna de papel, viram uma rapariga que se debatia contra tres chinezes, os quaes se esforçavam por fazel a entrar para uma porta baixa.

As forças da infeliz pareciam querer atiraçoal-a, quando lhe appareceu a salvacão nas pessoas dos dois passeantes nocturnos, os quaes, com algumas vigorosas pancadas applicadas com os guarda-chuvas puzeram em delandancia os homens de rubicho.

Sherlock Holmes pôde conduzir a joven a uma rua mais povoada, mettendo-a n'um café, por entre muitas demonstrações de gratidão da pobre rapariga.

Os dois homens voltaram, depois d'este leve incidente, á sua preoccupação.

Quando os dois falsos professores allemes puxaram a campainha, á porta de Tchin-Fu, vello abrir um rapazião chinez. Em ingles macacavado e consultando um guia de conversação á luz tremula d'uma lanterna chinesa, Sherlock Holmes pediu para entrar; o chinez nem mesmo tentou decifrar a algaravia dos dois homens, porque bem sabia o que desejavam os que haviam á porta do patрко.

Tornou a fechar a porta, depois de os fazer entrar e, pegado n'um velho candeeiro de petroleo, conduziu os dois visitantes á entrada da cave.

Com as suas silenciosas solas de feltro, o chinez foi descendo a escada, seguido pelos dois pezaos allemes.

Os gabinetes do primeiro compartimento estavam occupados e Sherlock Holmes viu com satisfacção que o homem que estava dormindo no primeiro, apparentemente narcotizado pelo opio, encolheu a perna direita, estendendo-a em seguida rapidamente.

Era o signal combinado e o policia ficou sabendo que os seis homens que occupavam o primeiro compartimento eram os agentes que o capitão Tussor enviara para auxiliarem a libertação de Elsie Saylor.

A segunda divisào da cave, em que os dois penetraram em seguida, já tinha alguns occupantes. Eram chinezes, todos elles já sob o imperio do veneno que adormeciam.

A fraca illuminacão, que só resumia n'uma lanterna de papel pendurada de cada uma das abobadas que formavam os compartimentos, tornava difficil o exame dos objectos que os rodeavam.

Sherlock Holmes albergava a esperança de encon-

trar o segundo compartimento igualmente occupado por completo e ir assim para o terceiro onde devia encontrar se Tchin-Fu.

Infelizmente, essa esperanza não se realisou. Chegando ao ultimo nicho do segundo compartimento, o creado chinez convidou os, com o gesto, a occuparem n'ó.

O pequeno gabinete continha duas tarimas e os dois visitantes tinham que acceeder ao desejo do chinez para não despertarem suspectos.

Sherlock Holmes e Roberto deitaram-se pois sobre as immundas esteiras e almofadas que cobriam as tábuas e, logo que o creado desapareceu, o policia segredou ao seu amigo:

—Está tudo prompto e os homens de Tussor estão á postos. O rapaz vai trazer nos os cachimbos e o opio, mas não podemos fumar, sob risco de adormecermos. Enquanto o chinez tiver o meu cachimbo, tire o opio do seu e deite-o fora. Em substituição, ponha esta pitilla d'uma substancia inoffensiva e que o chinez não conheçerá porque tem o mesmo cheiro.

Roberto só difficilmente dominava a excitacão de que estava possuido. Achava-se separado da noiva querida apenas por uma parede! Ella, a infeliz, não suspitava, no seu tormento, que a salvacão estava proxima. Roberto estava constrangido a esperar pacientemente, quando todas as fibras do coração o impulsionavam para dentro.

Era, porém, intelligente bastante para comprehender que qualquer precipitacão da sua parte podia comprometter irremediavelmente o plano de genia policia.

Sherlock Holmes ficara lhe comprehender que era necessario surprender Tchin-Fu, de forma que elle não tivesse tempo nem occasiao de voltar a apparecer-se de Elsie, pois era fora de duvida que, com o seu fanatismo, a assassitaria em seguida, ao vêr-se descoberto.

O grande criminalista não perdia de vista a cortina que separava o segundo do terceiro compartimento e por detrás da qual o creado chinez desaparecera.

O rapaz voltou n'esse momento, trazendo dois cachimbos na mão direita.

Ao ser levantada a cortina para o chinez passar, Holmes pôde vêr que a illuminacão era um pouco melhor no terceiro quarto.

Fôra, pelo menos, sufficiente para lhe permitir divi-
xar um chinez encostado a um armario carregado de cachimbos e outros petrechos para o fumo do opio. Devia ser Tchin-Fu e, apesar de Sherlock Holmes não poder vêr mais nada, sabia já o mais importante: onde estava situado o armario que encobria a entrada para o aposento que servia de carcere á desventurada Elsie.

O creado acendeu primeiro o cachimbo de Hol-

mes e, enquanto elle se ajoelhava para proceder a essa operação, o policia verificou que Roberto substituiu rapidamente a pequenina bola d'opio pela inoffensiva pilula que elle lhe dera.

O creado voltou-se em seguida para o outro fumador e acendeu-lhe igualmente o cachimbo, rindo ao vêr a falta de jeito e de habito com que os dois vizitantes manejavam os elegantes utensilios.

Os dois homens deitaram-se sobre as tarimas e o chinez afastou-se. Poucos minutos depois, tanto Roberto King como Holmes deitaram cábi inertes os braços que seguravam os cachimbos e ficaram estendidos, immoveis, como sob a influencia do poderoso narcotico.

A posse d'uma casa para fumadores de opio é um negocio muito lucrativo para os fillos do Celeste Imperio que vivem para os Estados Unidos.

A falta de probidade dos empregados subalternos da policia americana, nas grandes cidades, facilita-lhes o desempenho da sua escura profissão.

Aí, porém do dono d'um tal estabelecimento, se morre algum freguez em resultado dos ataques de córração tão frequentes nos fumadores d'opio.

Começa então para o chinez o maior perigo. Se o cadáver é encontrado em casa do proprietario do estabelecimento, este não escapa a um castigo severo, de forma que é uso, quando se dá qualquer d'esses subitos fallecimentos, o chinez, auxiliado pelos seus empregados, ir depositar o cadáver, durante a noite, em qualquer rua erma e afastada.

E' encontrado, então, mas o chinez não receia as investigações que são feitas muito superficialmente e só treme de ser apanhado em flagrante, com o cadáver em casa.

Ora este medo e o procedimento que adoptavam em casos taes os chinezes vendedores d'opio é que tinham dado a Sherlock Holmes as bases para o seu plano. Escolhera o agente de Tussor que lhe parecera ser mais intelligente e merecer maior confiança, para similar a syncope curial.

Uma experiencia, feita no gabinete de Tussor mostrou que o agente sabia simular com arte o ataque.

Holmes esperava, pois, estendido sobre a tarima, o momento decisivo.

Tinha decorrido meia hora. Nenhum novo freguez entrára e o silencio era completo.

Sómente, a espaços, se ouvia a respiração pesada d'alguns fumadores ou os passos cautelosos do creado, percorrendo os nichos para vêr se os freguezes necessitavam alguma coisa.

De subito, ouvís-se, vindo d'um gabinete, um grito, seguido logo d'um estoror.

O creado, que tinha passado para o terceiro compartimento, voltou rapidamente e, depois de lançar um

olhar para o gabinete, correu apressadamente para junto do amo, com gestos de pavor.

Através do repositório, Holmes ponde ver Tchin-Fu levantar-se do seu posto junto do armario, e dirigir-se para junto do gabinete em questão.

O celebre policia susteve a respiração. Cessou o estoror que se ouvia.

O policia sorriu. O homem desempenhava bem o seu papel; calara-se fingido que morrera.

Aproximava-se cada vez mais, o momento decisivo. Tchin-Fu ia com certeza depositar na rua o cadáver, com a ajuda do creado, sabido por alguns minutos do estabelecimento, e dando assim occasião a que Elsie fizesse libertada.

Contrariamente ás previsões do policia, porém, Tchin-Fu voltou, acompanhado do creado e trazendo nos braços o infeliz fumador d'opio. Conduziram-n'o para o ultimo compartimento, depezeram n'o no chão e o dono da casa veio fechar cuidadosamente o repositório.

Sherlock Holmes levantou-se da tarima sem fazer o menor ruido, aproximou-se do repositório e, afastado o ligeiramente, olhou.

O corpo do agente estava estendido no sólo e Tchin-Fu estava a afastar do seu logar o armario dos cachimbos. Abriu em seguida a porta secreta e, ajudado pelo creado, arrastou para o corredor o homem que suppunha morto.

Holmes afastou-se e dirigiu-se apressadamente ao compartimento em que se achavam os agentes da policia americana.

Fallhou o plano, segredou-lhes, tema de proceder d'outra forma. Quando me ouvirem associar, acorram immediatamente.

Dirigiu-se novamente para o seu posto de observação e viu os dois chinezes a sahir em do corredor. Lançou-se rapidamente sobre a tarima e retomou a primitiva posição.

Decorreram alguns momentos. Holmes ouviu arrastarem o armario para o logar que occupava habitualmente e, entreabrindo os olhos, viu os dois homens dirigirem-se para o compartimento da frente.

—Vamos agora! exclamou para Roberto.

Levantaram-se ambos e, afastado o repositório, dirigiram-se para junto do armario, que o policia derubou immediatamente com um pontapé.

Tchin-Fu, ao ouvir o forte ruido que o movel fazia ao cair, voltou-se apavorado e viu com terror os dois homens em frente da porta mysteriosa.

O terror, porém, paralysoo-o por um momento, apenas. Puxando do punhal que trazia sempre comigo, lançou-se sobre o policia; comtudo antes que pudessem attingi-lo viu a pistola de Holmes apontada á cabeça:

—Para traz, olho, ou mato-te!

O desespero e a raiva tornaram o chinez cego contra o perigo; com a mão esquerda agarrou o cano da Browning e, com a direita, tentou escarregar o golpe.

Antes, porém, de tocar na policia, recebeu um formidable pontapé applicado por Roberto King, que o fez rolar pelo chão.

N'esse mesmo momento ouvís-se o assobio de Holmes e os cinco agentes que se achavam no primeiro compartimento accorrem d'um salto.

—Amarrem-n'o! gritou o policia, e não deixem fugir o creado.

Enquanto os agentes se lançavam sobre os chinezes, Holmes abriu a porta do corredor e entrou, seguido de Roberto.

Com um parol, Roberto King deu volta á chave da porta do fundo e abriu-o.

Viram um braço que se encolhia e logo uma jovem, que se poz de pé e na qual King reconheceu immediatamente a sua noiva.

—Elsie!

—Roberto!

A prisioneira estendeu os braços e quiz avançar para o seu libertador, mas faltaram-lhe as forças e tertia caído se Roberto não a amparasse carinhosamente nos braços.

—Ella morre-me! exclamou Roberto, ao senti-la sem movimento.

Holmes ajudou-o a estender a joven sobre a tarima dizendo:

—Nada receie; é apenas um desmaio.

Enquanto Roberto cobria de beijos o pallido rosto da noiva, Holmes olhava em volta curiosamente. Não via o agente que os dois chinezes tinham trazido, suppondo o morto.

—Gloster! chamou Holmes, sem obter resposta. Entraram dois agentes, communicando que os chinezes estavam algemados e em segurança.

—Precisamos procurar Gloster, exclamou o grande policia.

—Ha, com certeza, outra sahida secreta, disse um dos agentes.

E' possivel, mas Gloster não foi conduzido por aqui porque, se assim fôsse, miss Elsie Sailor estaria desperta quando nós entráramos.

Holmes voltou á cave onde estavam amarrados Tchin-Fu e o creado.

—Onde occultaste o homem que julgavas morto, patife?

O chinez teve, como unica resposta, um sorriso diabólico.

—As algemas e as cordas estão bem postas? inquiriu Sherlock Holmes, sem se importar mais com o bandido.

—Estão, sim, senhor, retorquiram os agentes.

—Então venham commigo. Gloster foi conduzido para este corredor o havemos de encontrar aqui vestígios d'elle.

A' luz das lanternas que os agentes seguravam, o genial policia foi batendo cuidadosamente nas paredes do corredor, sem achar, comtudo um som que lhe parecesse suspeito. Passou, em seguida, a examinar o chão e descobriu com alegria uma argola de ferro oculta na pedra.

Puxou por essa argola e logo a tampa do alçapão se ergueu, vindo-se uma abertura negra.

—Gloster! gritou Holmes.

—Cá estou! Tirem-me depressa d'aqui, que isto é insupportavel.

O policia decaeu immediatamente alguns degraus, seguido de dois agentes.

Acenderam as pequenas lanternas portatiles e o espectáculo que se lhes deparou gelou-lhes o sangue.

A um canto do vasto subterraneo havia um forno, do qual sahia um cano que ia, provavelmente, ligar com a chaminé da casa.

Dentro d'uma grande pipa de madeira, cheia d'agua collocada ao lado do forno, boiava um cadáver.

Holmes aproximou-se e viu o corpo d'um chinez que, como se deprehendia pelo vestuario á europella e pela falta do rabicho, tinha abandonado todos os habits da sua raça.

O policia reconheceu Wang, o melhor William Vanor, que perecera victima do fanatismo dos seus compatriotas.

Os agentes voltaram aos compartimentos superiores, acompanhando Holmes e Gloster.

N'uma corraçagem que um agente fôra buscar, os dois presos foram conduzidos á esquerda mais proxima.

Roberto e Holmes conduziram Elsie para casa de King. A joven continuava desmaida.

* * *

Foi enorme a sensação produzida no publico de Nova-York pelos artigos publicados nos jornais da manhã seguinte.

Elsie Sailor, cujo cadáver fôra encontrado, cuja morte os parentes choravam, fôra descoberta n'um covil de fumadores d'opio e o homem que tinha conseguido esse prodigio fôra Sherlock Holmes, o mestre de todos os policias.

O acto de Sherlock Holmes teve ainda outro medicamento: levantou-se a vida que cobria certos acontecimentos passados no bairro chinês.

O exame dos subterraneos da casa de Tchin-Fu trouxe a lume horribes detalhes.

Explicaram-se os desaparecimentos de muita gente que foram nunca mais se tinham sabido notícias.

As declarações do criado foram completas. Por um systema aperfeiçoado de crenação, o negociante do opio fazia desaparecer todos os vestígios das suas vítimas.

O cadaver que fora enviado a William Vanor com o fim de enganar a policia, era d'uma operaria de Brooklyn, que tinha bastante semelhança com Elsie Sailor e que o bandido chinês attrahira, narcotizando a e matando a em seguida.

Tchin-Fu não respondeu a nenhuma das perguntas que lhe foram feitas. Parecia comprehender que não fugiria á morte instantanea a que seria condemnado na cadeira electrica.

Uma manhã, quando o carcereiro entrou na cela e encontrou o chinês morto sobre a tarima. O bandido tinha-se estrangulado com a cabala, enroscando a em volta do pescoço.

As confissões do creado Hung Yen provocaram a prisão de quatorze membros da sociedade secreta a que presidia Tchin-Fu.

Sherlock Holmes foi festejado como um heroe que volta d'uma batalha.

Os jornaes declaravam que era necessario que o governo dos Estados Unidos tomase ao seu serviço, permanentemente, o celebre policia, satisfazendo todas as exigencias que Sherlock Holmes apresentasse.

O policia, porem, subtrahiu-se a todas as ovações e, para não ser incommodado, temou legar a bordo do primeiro vapor da Cunard, usando um nome supposto.

Só o acompanharam ao transatlantico Roberto, ligado a Holmes por solida e intima amizade, Elsie Sailor e os paes d'esta.

Embarcaram todos cinco no «Alice», a airoza embarcação a gazolina, e navegaram até Liberty Island, até á estatua da Liberdade, onde o policia embarcaria no «Edinborough».

Quando o grande navio se poz em movimento, Sherlock Holmes collocou-se á pópa, dizendo um saudoso adeus ao par de namorados que acenavam com o lenço, tendo os olhos marejados de lagrimas.

E' que elles não podiam esquecer nunca mais que Aquelle homem deviam a felicidade de estarem novamente reunidos e de unidos poderem caminhar pela vida fóra.

FIM

OS DESEQUILIBRADOS DO AMOR

Série de romances psycho-pathológicos

(Por Armand Duhamel)

O Amor nas suas diversas manifestações, reger, rege a reger, p'etivamente o mundo. Por isso o estudo das civilizações antigas, os costumes, as crenças e as tradições de todos os povos até a actualidade e a nossa vida contemporânea.

E todas as aberrações e que os países desvariados conduzem os homens, tal foi o intuito do autor ao escrever a série de romances psycho-pathológicos que suscitamos no título *Desequilibrados do Amor*, e nos que os vícios contra natura, o hermaphrodismo, a hyteria, a depravação e assumptos analogos são tratados com mão de mestre.

Dos *Desequilibrados do Amor* achá-se publicado o primeiro volume:

O Fetichista

Devido seguir-se a este interessante romance sobre uma das mais repugnantes manifestações da imbecillidade, os seguintes, já ao prelo:

- De Invertidos
- De Hermaphroditas
- De Hytericos
- De Piagelanos, etc., etc.

500

Preço de cada vol. edição de luxo, nitidamente impressa em bom papel.

R.E.I.S.

Noctule Littéraire

ESCOLA DO VICIO

por *Debutant du Sancy*
vol. com capa artistica 700 rs.

LEIAM TODOS

O conquistador de criadas

Romance romancero e erotico
do grupo autor com capa
artistica e esplendida gravura

300

COMO SE CONQUISTAM MULHERES

Conselhos a um rapaz
vol. ed. de luxo, 600 rs.

TRATADO PRÁTICO DE GIMNASTICA SUECA

por L. C. Kamiten.

edição de luxo, profusamente illustrada, formando um elegante vol. in-8º gr.

300 Rs.

Aventuras de LORD JACKSON

Genial e audacioso policia-amador

Unico rival de Sherlock Holmes

A serie completa d'esta obra compõe-se das seguintes volumes:

- | | |
|-----------------------------------|--|
| 1 Crimes no palacio Jackson | 18 Jackson envenenado |
| 2 O osso d'uma perna | 19 Resurreição de Jackson |
| 3 Evadido d'um malvado | 20 Sappho de delicto |
| 4 Crimes impunes | 21 Lord Jackson contra Sherlock Holmes |
| 5 Calvario d'um assassino | 22 H-lanes |
| 6 Um attentado certo isto | 23 Mulher e policia |
| 7 A crença mórty | 24 Um milhão de francos |
| 8 Resgate sempreto | 25 As travessas de um Yankee |
| 9 A falta suicida | 26 Coração mortuário |
| 10 Um drama nas nuvens | 27 O quarto dos mortos |
| 11 Juntos da guilhotina | 28 A cabeça cortada |
| 12 Jackson, em poder dos bandidos | 29 Trágico pela arte |
| 13 O 80 policia | 30 A derrota dos bandidos |
| 14 O esqueleto vivo | 31 Os mysterios de Chicago |
| 15 Buracos de caçaca | 32 O subterfugio dos cadaveres |
| 16 A rainha dos apaches | 33 Por seguir uma mulher |
| 17 Dous facinoras notáveis | 34 A renuncia de Lord Jackson |

60 cada volume = Serie completa, 2.000 rs.

LIVRO DE LEITURA JIU-JITSU

1 vol. edição de luxo com 19 folhas e 4 fotografagens de pagina + 600 reis

Colleção Artistica

Publicação mensal e illustrada das mais sensacionais novidades litterarias estrangeiras

Volumes publicados

1. Arsene Lupin, gatinho da alta roda, por Maurice Leblanc (Rs. 2).
2. O Homem Mysterioso, Guy de Maupassant.
3. O Canibal de gelo, Pierre Giffard.
4. Arsene Lupin contra Sherlock Holmes, Maurice Leblanc.
5. Um grito na treva, G. de Maupassant.
6. O Prisioneiro de Marle, G. de Maupassant.
7. O Club das Ladrões, Henry Aron.
8. A Artilha de Arsenio Lupin, Maurice Leblanc.
9. O Homem sem rosto, Paul d'Ivoi.
10. A Virgem Viratella, Pierre Giffard.
11. O Canibal do somno, Paul d'Ivoi.
12. Qual dos tres grande romances policia, A. O. Green.
13. A Guerra dos vampiros, G. Le Rouge.
14. O Pirata de Ferro, Max Pemberton.
15. As tres garotas, anonimo.
16. O Homem sem rosto, Paul d'Ivoi.
17. Kowa, a mysteriosa, por Ch. Foley.
18. 712, (Novas aventuras de Arsene Lupin), por Maurice Leblanc.
19. Em Férias, por Henri de Bernard.
20. O Palácio subterraneo, por Max Pemberton.
21. Um crime tenebroso, por A. G. G. G.
22. A sombra mysteriosa, por Fergus Hume.

350 rs. Cada vol. in-4º, contendo a materia do vol. in-8º, de 300 rs. 350

Ler no proximo numero:

A paixão d'um bandido

Aventuras extraordinarias d'um policia secreta

UMA OBRA VERDADEIRA E SENSACIONAL

AS MISSAS NEGRAS

Feitiços, diabruras, malefícios e sortilégios
OS AMORES E O CULTO DE SATANAZ

600 rs. Um grosso e elegante volume in-8 gr. rs. 600

A Novella HISTORICA

Publicação quinzenal de grande formato
Cada numero um episodio completo

60 Rs. A PUBLICAÇÃO MAIS BARATA DE PORTUGAL Rs. 60

É mais notavel e sensacional
♦ das novidades litterarias ♦

Edição esmerada, cuidadosamente impressa
e composta em magnifico typo

É um trabalho vasado em moldes inteiramente novos que
formará a mais completa, a mais curiosa, a mais-instructiva

✚ HISTORIA DE PORTUGAL ✚

Desde os tempos primitivos até á actualidade

Volumes publicados:

- | | |
|-------------------------|------------------------|
| 1 Viriato, o heroe luso | 5 Fundação de Portugal |
| 2 Roma na Lusitania | 6 O cerco de Guimarães |
| 3 Os barbaros do Norte | 7 Egas Moniz |
| 4 A invasão dos Arabes | |

Á seguir:

- | | |
|---|------------------------|
| 8 Conquista de Lisboa | 13 O Bolonhez |
| 9 Giraldo Sempavór | 14 O rei trovador |
| 10 D. Fuas Roupinho (Milagre da Nazareth) | 15 Rainha Santa Izabel |
| 11 Tomada d'Alcácer | 16 A Batalha do Salado |
| 12 Rainha D. Mécia | 17 Ignez de Castro |
| | 18 A Rainha Adultera |

CAROLUS DIDIER

≡ A ORGIA BIBLICA ≡

Romance passionnal, baseado na narrativa biblica

1 grosso volume, edição de luxo,
magníficas gravuras e capa artistica

700 rs.

NICK CARTER

O celebre policia americano

Aventuras extraordinarias e sensacionais do incomparavel detective

100 rs. CADA VOLUME CONTENDO SEMPRE UMA OBRA COMPLETA rs. 100

Não existe um americano, seja elle quem for, que desconheça o nome de **Nick Carter**, e todavia não existe talvez um unico homem em todos os Estados Unidos que garanta conhecer o rosto sympathico do mais celebre policia do mundo! O amigo mais intimo d'este famoso agente, o inspector Mc Clusk, o grande director da policia criminal de New York, duvida se alguma vez conseguiu ver **Nick Carter**, tal qual verdadeiramente é.

N'esta verdadeira maravilha do disfarce, n'esta incomparavel arte de se vestir, mudar de aspecto, de physionomia, de voz e de olhar, reside o segredo dos mais increditaveis exitos de **Nick Carter**. E' isto o que lhe permite arriscar-se sem que ninguém o reconheça aos mais audaciosos lances, entrando tanto nos salões aristocraticos, como nos mais horribes antros onde impera a escumalha da sociedade, onde o vicio vive de mãos dadas com as mais ignobes orgias.

OS MYSTERIOS DE NEW YORK cidade que, outr'ora simples aldeia de pescadores, é hoje a segunda cidade do mundo, pelo tamanho, estando no caminho de tornar-se no futuro a Metropole da Terra; essa cidade na qual a vida é alegre ou triste, embragadora ou miseravel como em nenhuma outra parte; onde a policia prende um criminoso de 3 em 3 minutos; um assassino de 8 em 8 horas; onde as prisões abarrotam dos mais sinistros personagens; essa cidade e todos os seus mysterios conhece-os **NICK CARTER**

que narra pessoalmente as suas famosas proezas cada uma das quaes, publicada em volume, forma um episodio completo.

Volumes publicados:

0 rei do crime 2. O ninho dos ratos 3. Demonio femenino 4. O cadaver falsificado 5. O ultimo crime de Carruthers. 6. O ranto d'um noivo. 7. Visinho mysterioso. 8. Caca aos milhoes. 9. Um plano diabolico. 10. O rei dos gatinhos. 11. O rapto da duqueza 12. Historia tragica d'um suicidio. 13. Uma casa de batota. 14. O homem da mão de ébano. 15. As joias de mr. Hickett. 16. Um electrico perigoso. 17. No Casino de Palm Beach. 18. Uma victima da sciencia. 19. O assassinio de Fall River. 20. Aventuras d'um policia no Far-West. 21. Os poços de petroleo. 22. O Olho do Diabo.

100 rs. O volume contendo sempre uma obra completa 100 rs.

Dr. PEDRO GUERDES

O MEDICO POPULAR

Como nos devemos tratar

Como nos devemos curar

No titulo d'este livro, acha-se sufficientemente indicado o fim a que elle visa. A sua leitura diminuirá a inquietação nas familias, pois as doencas deixam de lhes apparecer sob um aspecto mysterioso que se resente da falta de conhecimentos de medicina

Um volume 8º grande illustrado

de 226 paginas e 1 appendice

700 reis — Elegantemente cartonado — reis 700